

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANDRÉ LUIZ DA COSTA E SILVA

**ESPORTE E ESCOLARIZAÇÃO: PROJETOS, BIOGRAFIAS
E PROGRAMA GOVERNAMENTAL**

**VITÓRIA
2016**

ANDRÉ LUIZ DA COSTA E SILVA

**ESPORTE E ESCOLARIZAÇÃO: PROJETOS, BIOGRAFIAS
E PROGRAMA GOVERNAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa Estudos Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

**VITÓRIA
2016**

ANDRÉ LUIZ DA COSTA E SILVA

**ESPORTE E ESCOLARIZAÇÃO: PROJETOS, BIOGRAFIAS
E PROGRAMA GOVERNAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa Estudos Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer.

Aprovado em 11 de abril de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientador

Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Wagner dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico este trabalho à toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que contribuíram para a produção desta Dissertação. Porém, gostaria de agradecer em especial:

Ao professor Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares, por enfrentar a “missão” de orientar uma pessoa que apesar da idade não tinha nenhum domínio do texto acadêmico.

Ao Professor Ms. Hugo Paula Almeida da Rocha que assim como o professor Ms. Carlus Augustus Jourand Correia colaboraram significativamente na construção deste trabalho com críticas pertinentes e sugestões para melhorar o conteúdo.

Aos professores Dr. Amarílio Ferreira Neto e Dr. Wagner dos Santos, contribuindo para que eu qualificasse e delimitasse as discussões apresentadas.

Ao PROTEORIA que me acolheu não só academicamente, mas principalmente social e afetivamente.

RESUMO

O jovem que vive a situação de dupla carreira escolar e esportiva, deve obrigatoriamente frequentar a escola, estudar, realizar provas e trabalhos escolares e participar da vida escolar. Ao mesmo tempo, a carreira de formação esportiva exige treinamento regular diário, viagens, participações de competições e os cuidados necessários com o corpo e o estado psíquico do atleta. O estudo aqui apresentado, problematiza a relação constituída entre a escolarização formal e a formação profissional para o esporte de alto desempenho, vivida por jovens que optam em conciliar essa dupla carreira nessa fase da vida. O trabalho que apresentamos a seguir, busca entender como esses jovens conciliam ou conciliaram a carreira da escola e a carreira do esporte. Para tal, buscamos informações em duas frentes. Uma frente foi a dos alunos/atletas beneficiários do Programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte, categoria Estudantil. Outra fonte de dados para o entendimento da questão que pretendemos responder foram as biografias de atletas de alto nível, buscando ali também, o entendimento de como estes atletas conseguiram lidar com a carreira esportiva e a carreira escolar simultaneamente e de como a família contribuiu e influenciou no desenvolvimento deste processo de dupla carreira. Quando pensamos a conciliação entre esporte e escola olhando a trajetória de atletas do nível dos biografados, todos campeões mundiais com um desempenho esportivo muito alto, percebemos que apesar das famílias valorizarem o aprendizado escolar, quando os resultados esportivos falam muito alto e deixam claro que aquela pessoa já tem uma vida profissional definida no esporte, os atletas não hesitam em parar de estudar para se dedicar especificamente a carreira esportiva. Na pesquisa produzida junto aos alunos/atletas beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta, a negociação entre jovem, escola e esporte acontecia de formas diferentes. Os mecanismos de flexibilização das normas regulares da escola apareciam discretamente. Em alguns casos, o clube, na figura do treinador, incentivava o comparecimento do atleta à escola e o cumprimento das tarefas escolares. O sucesso nos acordos de dupla carreira depende da boa vontade das partes envolvidas e assim percebemos a necessidade de um instrumento sistematizado, para que esses acordos deixem de acontecer a partir da boa vontade dos participantes, e sim de forma legal em todos os seus aspectos. Assim, concluindo este trabalho, entendemos ser importante apontar sugestões para avançarmos no atendimento às necessidades dos alunos/atletas envolvidos em situação de dupla carreira.

Palavras-chave: Dupla carreira. Esporte. Escolarização. Biografias. Bolsa Atleta. Programa governamental.

ABSTRACT

The young people who live the situation of school and sports dual career, must attend school, study, conduct tests and schoolwork and participate in school life, at the same time, the sports training career requires regular diary training, travel, participation in competitions and the care required with the body and the psychic state of the athlete. The study presented here, problematizes the relationship constituted between formal schooling and vocational training for the sport of performance experienced by young people who choose to reconcile this dual career in this phase of life. The work we present next, seeks to understand how these kids reconcile or reconciled school career and the career of the sport. To this end, we seek information on two fronts. A front was that of students/athlete benefited of the scholarship program of the Ministry of Sport. Another source of data for understanding the question we want to answer were the biographies of high-level athletes, seeking there too, understanding how these athletes were able to handle the sports career and school career simultaneously and how the family contributed and influenced the development of this double process. When we think of reconciling sport and school looking at the trajectory of the athletes on the biographies, all world champions with a very high sports performance, we realized that despite families value school learning, the sporting results speaks very loudly and made it clear that that person already has a professional life set in sport. Athletes do not hesitate to quit school to devote himself specifically to sports career. The research produced with the students/athlete benefited by the athlete scholarship program of the Ministry of Sport, shows us that the negotiation between the young people, school and sport, happened in different ways. The mechanisms of regular school rules easing appeared discreetly. In some cases, the club, in the figure of the trainer, encouraged the athlete to school attendance and the completion of homework. Success in dual career agreements depends on the goodwill of the parties involved, and so we realized the need for a systematic instrument, so that these agreements no longer happen from the goodwill of the participants, but legally in all its aspects. So, in conclusion this work, we think it is important to point out suggestions to move forward in meeting the needs of the students/athlete involved in dual career situation.

Keywords: Dual career. Sport. Schooling. Biographies. Scholarship Athlete Program. Government program.

Sumário

1. Introdução	9
2. Metodologia	20
3. Projetos e escolarização de atletas nas biografias: Andre Agassi, Gustavo Kuerten, Rafael Nadal e Sócrates	25
3.1 Projeto familiar	33
3.1.1 Andre Agassi	35
3.1.2 Rafael Nadal	39
3.1.3 Guga	41
3.1.4 Sócrates	46
3.2 Escola	47
3.2.1 Agassi	47
3.2.2 Nadal	54
3.2.3 Guga	56
3.2.4 Sócrates	58
4. Bolsa Atleta	61
4.1 Resultados	64
4.1.1 Escola vs esporte	66
4.1.2 Rotina de treinos e estudos	71
4.1.3 Família	72
4.1.4 Escola	73
4.2 Discussão	77
5. Conclusão	83
Referências bibliográficas	90

1. Introdução

Mesmo reconhecendo o papel central que assumiu a escolarização em nossa sociedade na formação de crianças e jovens, devemos lembrar a óbvia afirmação que a educação das novas gerações não se dá exclusivamente entre os muros escolares. Diferentes instituições sociais como família, escola, religiões, política, esporte, trabalho, lazer e outras, possuem, de acordo com os projetos familiares e a socialização secundária, o papel de fornecer perspectivas e trajetórias a serem percorridos pelos filhos da sociedade. Nesse estudo, estamos interessados em analisar como a escolarização e o esporte são conciliados na vida dos atletas que optaram por essa dupla carreira¹ em seus processos socializatórios.

A escolarização básica para todas as crianças e jovens foi a afirmação de um direito, presente na Revolução Francesa, que foi se materializando em diferentes ritmos temporais nas nações ocidentais. Esse direito no Brasil ganha voz a partir do movimento dos pioneiros da educação na década de 1930, mas o ensino fundamental só veio a ser universalizado na última década do Séc. XX. Hoje, podemos dizer por força da lei, que toda criança (ou adolescente) de 4 aos 17 anos deve frequentar obrigatoriamente à escola. Os censos escolares demonstram que o ensino fundamental está universalizado, o mesmo não podemos ainda afirmar sobre o ensino médio. Todavia, é importante dizer que as famílias estão conscientes dessa obrigatoriedade e que é consensual essa perspectiva no Brasil de hoje. Mesmo a maior parte das crianças trabalhadoras, fato que vai de encontro ao aparato legal de proteção à criança, frequentam à escola. Se por um lado estamos satisfeitos com a universalização do ensino fundamental, por outro, a qualidade da escolarização oferecida às novas gerações ainda é uma questão em aberto em nossa agenda política. Apesar disso, a escolarização e sua qualidade tornaram-se temas centrais na agenda de nossa sociedade. A escolarização dos atletas, como grupo específico de atores em nossa sociedade, é um dos temas desse estudo.

¹“Sequência de posições ocupadas durante a vida de uma pessoa, em função não só dos trabalhos, estudos e outras experiências de vida, mas também das suas percepções individuais, atitudes e comportamentos profissionais, que resultam em desenvolvimento de competências para lidar com situações de trabalho de maior complexidade, e em constante transformação. Essas posições são influenciadas e negociadas considerando motivos e aspirações individuais, expectativas e imposições da organização e da sociedade.” (Costa e Dutra, 2011).

O esporte moderno a partir do Séc. XIX se transforma, a despeito das diferentes interpretações e periodizações históricas, numa instituição social voltada para o mercado de entretenimento e justificada socialmente por seu caráter educativo das novas gerações. Todavia, não podemos esquecer que o esporte moderno também esteve associado ao mundo das apostas, de forma oficial e explícita (como no caso do Turfe e outros esportes) ou de forma clandestina. Progressivamente, no decorrer do Séc. XX, o esporte ganha terreno no mapa da cultura como instituição social voltada para educação, para o lazer e para o mercado de entretenimento dos centros urbanos. Os clubes de colônia e de bairro, com a anuência do poder público, foram fundamentais para expansão do esporte como instituição educativa e de lazer, bem como para sua entrada e permanência nos currículos escolares. No entanto, o mercado de entretenimento que se formou através do esporte, aqui e em outros países, exigiu que os clubes e outras instituições formassem os quadros, para gerir as instituições esportivas, e os atores principais desse espetáculo: os atletas. Esse processo de formação de atletas no Brasil tem uma densa história a ser contada que não está no escopo desse trabalho, mas devemos destacar que a progressiva e contínua estruturação do mercado esportivo exigiu diferentes estratégias para a formação de atletas de alto-rendimento para alimentar o espetáculo das diferentes modalidades esportivas. O desenvolvimento do mercado esportivo criou uma série de profissões e especialidades, bem como rapidamente transformou a atividade de atleta em ocupação profissional e remunerada, a despeito dos debates do amadorismo das primeiras décadas do Séc. XX. Com isso o esporte passou a ser uma instituição educativa, em diferentes níveis e graus, e converteu-se numa opção de profissionalização para os jovens. O processo de formação profissional de atletas em idade escolar é outro tema que trata o estudo em tela.

Como já dito, a escolarização das novas gerações se tornou consenso social. Não é fortuito que os clubes que recrutam potenciais talentos esportivos para formar atletas de alto desempenho exigem ou oferecem a matrícula escolar para os jovens que entram nesse processo formativo. A escolarização de crianças e jovens, para além da necessidade de estruturação e renovação da sociedade e do mercado, se tornou um tema moral que sua obrigatoriedade e acesso não entra mais em questão por nenhuma posição política na atualidade. Esse valor que se articula com o ideal da formação de um indivíduo autônomo e livre no mundo ocidental pressiona e deve

regular qualquer instituição social que pretenda formar as novas gerações com habilidades ou competências para além dos saberes escolares. O estudo aqui apresentado problematiza a relação constituída entre a escolarização formal e a formação profissional para o esporte de alto de desempenho vivida por jovens que optam em conciliar essa dupla carreira nessa fase da vida.

O jovem que vive a dupla carreira deve, obrigatoriamente, frequentar a escola, estudar, realizar provas e trabalhos escolares e participar da vida escolar, ao mesmo tempo, a carreira de formação esportiva exige treinamento regular diário, viagens, participações de competições e os cuidados necessários com o corpo e o estado psíquico do atleta. Esse acúmulo de demandas, da escola e do esporte, precisa ser administrado para a dupla carreira que optam esses jovens.

Podemos encontrar diversas possibilidades quando buscamos soluções sistêmicas para administrar as situações de dupla carreira no esporte e na escola ou trabalho. Apresentaremos a seguir três delas: o modelo dos Estados Unidos da América, que parece ser o ideal por colocar em um mesmo lugar escola e esporte; o modelo da Europa, onde escola e esporte tem sistemas separados. E podemos encontrar quatro principais caminhos na busca de uma solução sistêmica para que aqueles que optam pela escola e o esporte simultaneamente possam fazê-lo sem necessitar optar por um ou outro. Também apresentaremos o modelo do Brasil, onde os sistemas de escola e esporte também são separados e as soluções de conciliação dependem exclusivamente da articulação dos alunos/atletas envolvidos com técnicos, clubes e outros envolvidos.

Nos Estados Unidos da América, a estrutura esportiva está baseada no sistema escolar, a iniciação esportiva se dá na escola, assim como o aperfeiçoamento. Na sequência, a universidade finaliza tanto a processo de formação esportiva quanto o acadêmico. Algumas associações organizam o esporte a partir da escola, como exemplo podemos citar a National Federation of State High School Associations (NFHS). Quando o esporte acontece a nível universitário, uma das organizações responsáveis é a National Collegiate Athletic Association (NCAA). Quando o aluno/atleta cumpre sua rotina esportiva a partir da escola, ele pode desfrutar de todos os benefícios e restrições que estas associações disponibilizam a seus associados. Tais benefícios são, entre outros: adequação do calendário esportivo e calendário

escolar, tutores e orientadores para reposição de conteúdo acadêmico perdido e bolsa de estudo.

A NFHS é a organização responsável por essa interação quando o aluno/atleta se encontra em idade escolar. Esta federação nacional promove atividades esportivas nas modalidades Atletismo, Baseball, Basquetebol, Futebol, Futebol Americano, Ginástica (para as meninas), Hockey, Hockey no Gelo, Lacrosse (para os meninos), Luta Livre, Natação e Saltos Ornamentais, Polo Aquático, Softball, Spirit e Voleibol. Tem como missão servir a seus membros, organizações profissionais relacionadas e os alunos, liderando a administração das atividades interescolares baseadas em educação, propiciando suporte acadêmico, cidadania e oportunidade equitativa. O objetivo principal do ensino médio é preparar academicamente os alunos para contribuições produtivas em suas vidas futuras como cidadãos. Programas de atividades interescolares são uma extensão da sala de aula e padrões acadêmicos ajudam a garantir o equilíbrio entre a participação nas atividades e desempenho acadêmico adequado. Além disso, programas de atividades interescolares auxiliam no desenvolvimento educacional de todos os participantes.

Acreditam que a participação em programas esportivos e de artes baseados em educação escolar:

- Enriquece a experiência educacional de cada aluno;
- Promove o desempenho acadêmico do aluno;
- Desenvolve a boa cidadania e estilos de vida saudáveis;
- Promove o envolvimento de uma população diversificada;
- Promove relações positivas entre escola e comunidade.

Os objetivos do NFHS são:

- a) Servir, proteger e melhorar os programas interescolares propostos pelos membros para suas escolas e estudantes;
- b) Promover os valores educativos através de atividades atléticas e artísticas interescolares;
- c) Regular as atividades que, na determinação dos membros, melhor podem ser administradas em um nível nacional;

- d) Patrocinar reuniões, publicações e atividades em benefício dos membros, relacionadas com grupos profissionais e seus constituintes;
- e) Promover a eficiência na administração de atividades atléticas e belas artes interescolares;
- f) Formular, publicar e distribuir as regras para atividades atléticas e artísticas interescolares;
- g) Preservar registros atléticos interescolares, a tradição e a herança de desporto interescolar;
- h) Fornecer programas, serviços, materiais e assistência aos membros e profissionais envolvidos na conduta e administração das atividades atléticas e artísticas interescolares;
- i) Servir como uma base de dados de informação nacional para atividades atléticas e artísticas interescolares;
- j) Identificar necessidades e problemas relacionados às atividades atléticas e artísticas interescolares e trabalhar em direção a sua solução.

O NFHS é uma organização que congrega 50 associações estaduais, escola de ensino médio dos estados americanos e a associação do Distrito de Columbia. Além disso, nove associações interescolares das províncias canadenses de Alberta, Colúmbia Britânica, Manitoba, Nova Brunswick, Terra Nova e Labrador, Nova Escócia, Ontário, Quebec e Saskatchewan são afiliados membros do NFHS, assim como são a Associação Atlética Interescolar Independente de Guam, Associação Interescolar Atlética de St. Croix e Associação Interescolar de Saint Thomas-St. Johns.

O NFHS é uma empresa de caráter não lucrativo, administrada pelos seus membros. Através de seu escritório nacional, coordena e dá suporte às atividades de construção de regras, conferências nacionais e funções educativas em nome de seus membros.

Participação em atividades reforça os processos sociais responsáveis. Experiências educativas adquiridas através de programas de atividades esportivas ou artísticas são oportunidades de aprender, promover e reforçar os elementos que influenciam os alunos a tornarem-se cidadãos produtivos. Como participantes, os estudantes/atletas colocam o bem-estar dos outros antes dos seus próprios, aceitam os outros independentemente de habilidades ou histórico, desenvolvem a auto respeito/disciplina e pensam de forma independente apesar de terem um

compromisso de grupo ou metas coletivas que ultrapassam o ganhar. Aprendem a competir, e aprender a se preparar para competir, é crucial para o processo de maturação.

O principal compromisso da NFHS é apoiar e reforçar a nível nacional, a interação entre as associações do Estado membro em seus esforços para administrar e dirigir a participação de suas respectivas escolas membro em programas de atividades esportivas e/ou artísticas.

O NFHS dedica-se à continuação do desenvolvimento e manutenção, de comum acordo de seus membros, das regras do jogo e auxilia com materiais educativos. A NFHS está empenhada em reforçar e estimular oportunidades para um número cada vez maior de estudantes qualificados nos programas esportivos e artísticos.

A NFHS acredita que é imperativo manter relacionamentos cooperativos, sempre que possível, com outros programas educacionais e/ou organizações não escolares envolvidas no esporte amador e profissional. Esses relacionamentos podem ser benéficos para todas as organizações envolvidas e os indivíduos participantes, são um meio de preservar a integridade dos programas e a elegibilidade dos participantes. A restrição à participação esportiva dos alunos/atletas em atividades promovidas por organizações que não a NFHS, tem por objetivo proteger os alunos/atletas que optam por participar em equipes esportivas das suas escolas, da exploração por aqueles que procuram capitalizar sobre sua reputação e/ou habilidade; evita o incidente de riscos a participação em programas esportivos não escolares que podem ter inadequada supervisão administrativa; desanima entidades a pressionar os alunos/atletas para falta às aulas enquanto competia em eventos não escolares; equaliza a concorrência reduzindo qualquer vantagem injusta que alunos que participam do esporte não escolar podem ter sobre aqueles que não participam em eventos externos e reduz distrações de preparação acadêmica e outras responsabilidades da escola. Restrições a participações esportivas não escolares, também objetiva controlar conflitos advindos de calendários esportivos que não tomem o calendário escolar por base. O processo de sanção opera para reduzir ou mesmo eliminar, os conflitos que possam surgir devido a: tempo de conflitos das práticas, jogos, finais de competições, diferentes filosofias, treinamento entre a equipe técnica da escola e a equipe técnica que não é da escola.

É posição do NFHS que esportes e artes permitem a busca da excelência, mas eles também são para diversão, recreação, entretenimento, a promoção de estilos de vida saudáveis e oportunidades para maior satisfação dos interesses e aptidões da juventude.

O compromisso primordial da sociedade NFHS é a saúde, o bem-estar e o crescimento ético dos estudantes que participam diretamente em programas de atividades de ensino médio. Este compromisso está sendo alcançado através de um esforço contínuo e unificado dos membros da NFHS para manter os mais altos ideais de fair-play e cidadania responsável. Uma das principais missões do processo educacional é ensinar aos participantes, habilidades essenciais para uma vida de contribuições para suas comunidades. Atividades de esportes e artes cênicas possibilitam aos jovens sentir-se parte de suas comunidades, e, portanto, tais atividades podem ser veículos eficazes para promover cidadania.

Destacamos que essa é a posição oficial dessa instituição que existe desde 1923. Todavia, veremos que apesar do controle, ao analisarmos a biografia do tenista Andre Agassi observaremos que existem outras possibilidades nesse sistema que permitem que os atores construam alternativas para a construção de uma carreira esportiva, sem abandonar os estudos acadêmicos. Nos Estados Unidos da América não existe a obrigatoriedade de participação no sistema mais comum de ensino que é o presencial. A criança ou adolescente pode optar, por exemplo, pelo homeschooling, sistema pelo qual a criança faz toda a sua educação acadêmica em casa com a orientação dos pais. Outra opção é o ensino a distância, o que obriga a matrícula em uma escola que ofereça este serviço, e esta escola conduzirá de forma não presencial a educação acadêmica da criança ou do jovem.

Segundo Henry (2010), são identificados no continente europeu quatro principais tipos de abordagem: 1. Sistema centralizado no estado com obrigação legal definida. Nesta abordagem a instituição de ensino deve, por força da lei, se adaptar às necessidades do aluno/atleta. 2. O estado patrocina um sistema formal estabelecido com base em uma legislação permissiva. Nesta abordagem há um sistema formal de reconhecimento das necessidades do aluno/atleta, que baseado na legislação vigente, autoriza, mas não requer que a instituição de ensino atenda de forma especial ao aluno/atleta. 3. Órgãos de representação dos interesses educacionais de atletas.

Nesta abordagem, as necessidades para o desenvolvimento do aluno/atleta são atendidas pelas instituições esportivas, onde defensores esportivos agem em nome do aluno/atleta para negociar acordos flexíveis com a instituição de ensino. 4. 'Laissez-faire' - sem estruturas formais.

Com base no EU Guidelines on Dual Careers of Athletes (2012), os alunos/atletas enfrentam desafios para combinar sua carreira esportiva com educação ou trabalho. O objetivo para ter sucesso no mais alto nível de um esporte exige treinamento intensivo e competições locais, nacionais e no exterior, que podem ser difíceis de conciliar com os desafios e restrições impostos tanto pelo sistema educativo quanto o mercado de trabalho e não o do esporte. Não só elevados níveis de motivação, comprometimento, resiliência e responsabilidade do aluno/atleta, mas também regimes especiais são necessários para evitar a situação onde o talentoso aluno/atleta seja forçado a escolher entre esporte, escola ou trabalho. Tais acordos de dupla carreira devem ser benéficos para as carreiras esportivas desses alunos/atletas, para permitir a educação ou trabalho, assim como promover a realização de uma nova carreira após o término da trajetória esportiva, além de proteger e salvaguardar a posição dos alunos/atletas.

Podemos encontrar na Europa o que vamos chamar de escolas híbridas. Nelas, o aluno encontrará além da formação acadêmica, a formação esportiva. Como exemplo, podemos apontar a Escola Baleárica de Esportes, onde o tenista espanhol Rafael Nadal estudou, tendo no mesmo local o ensino acadêmico e o treinamento esportivo de forma sistematizada e em alto nível.

Acordos de dupla carreira são relativamente recentes na maioria dos estados membros da comunidade europeia. Nos estados, membros nos quais estes arranjos foram desenvolvidos por algum tempo, às vezes faltam sólidos acordos entre o sistema do esporte e o sistema escolar ou o mercado de trabalho ordinário. Tais estados, podem não possuir legislação, quadro jurídico ou política governamental sustentável para equacionar esse tipo de demanda social. Orientação da Comunidade Europeia pode ser útil para desenvolver e melhorar as condições necessárias para que os programas de carreira dupla sejam sustentáveis e permitam elaborar planos de carreira sob medida para os atletas de elite, quer na sua posição como um aluno-atleta ou funcionário-atleta.

No Brasil, assim como na Europa, esses dois sistemas, escola e esporte, não se encontram, devendo o acúmulo de tarefas advindo desta situação de dupla carreira ser administrado pela criança ou adolescente. Pensando a partir da classificação feita por Henry (2010) estaríamos no Brasil na abordagem nomeada 'Laissez-faire', na qual não existe nenhuma condução legal ou normatizada pelo estado. Por conta desta falta de estrutura oficial percebemos a dificuldade em conciliar as duas carreiras, conforme apontam Marques e Samulski (2009), quando mostram em sua pesquisa feita com alunos/atleta de futebol com 18 anos de idade ou mais, que 53,2 % dos entrevistados estão defasados em relação aos estudos. Aponta ainda que 57% acreditam ser “Relativamente Difícil” estudar e jogar futebol ao mesmo tempo; 23% acharam “Normal”; 7,2% “Muito difícil”; 0,5% “Relativamente Fácil”. Nenhum atleta classificou como “Muito Fácil” conciliar os estudos e os treinamentos (Marques e Samulski, 2009).

O Laboratório em Pesquisas em Educação do Corpo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – LABEC vem desde 2009 estudando as ações de dupla carreira escola/esporte, buscando entender o seu desenrolar, com o objetivo de colaborar no desenvolvimento destes alunos/atletas para que os mesmos não encontrem em nenhum momento, situações limite que os obriguem a ter que fazer uma escolha, e abandonar o esporte ou relegar o estudo a um segundo plano. Esses estudos já produziram dissertações e teses, assim como publicações em periódicos nacionais e internacionais. Ao observarmos as conclusões destes trabalhos, podemos observar que as consequências desta conciliação ou a falta da mesma, não obedecem a um padrão, o que evidencia a falta de uma regulamentação que delimite as ações de conciliação entre as duas carreiras.

Melo (2010) observa que são necessárias negociações de flexibilização de horários e tarefas para que os meninos do futebol no Rio de Janeiro possam conciliar as duas carreiras, essas negociações são de responsabilidade e iniciativa dos alunos/atleta. A escola é sensível a essa necessidade do aluno/atleta e os clubes não. Foi percebido neste estudo também, que o tempo de permanência na escola dos meninos do futebol é maior que o dos meninos que seguem só a carreira escolar. Romão, Costa e Soares (2011), que estudaram a conciliação partindo do voleibol e Costa (2012) que estudou a conciliação partindo do futsal feminino, observam que essas modalidades não roubam tempo da carreira escolar para a carreira esportiva, tendo uma rotina adequada para a conciliação das duas carreiras.

Correia (2014), que estudou partindo da escola do Clube de Regatas Vasco da Gama, podendo assim acompanhar várias modalidades, que concluí que: “o projeto individual do atleta e as formas como ele enxerga seus campos de possibilidades, agem em conjunto com as configurações do campo esportivo em que ele está inserido. Esse processo conjunto influencia diretamente a conciliação das duas atividades, pois orienta as escolhas e as decisões do indivíduo frente às crenças que ele alimenta nesse campo”.

O trabalho que apresentamos a seguir busca entender como esses jovens conciliam ou conciliaram a carreira da escola e a carreira do esporte. Para tal buscamos informações em duas frentes. Uma frente foi a dos alunos/atletas beneficiários do Programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte, categoria Estudantil. Outra fonte de dados para o entendimento da questão que pretendemos responder foram as biografias de atletas de alto nível, buscando ali também, o entendimento de como estes atletas conseguiram lidar com a carreira esportiva e a carreira escolar simultaneamente e de como a família contribuiu e influenciou no desenvolvimento deste processo de dupla carreira. Vamos analisar a biografia do tenista Andre Agassi, vencedor de todos os títulos mais importantes no circuito do tênis profissional. A biografia de Agassi, apesar de ser um texto bem escrito e editado para o grande público, serve para entender como ele lidou com a dupla carreira e qual o papel da família no desenvolvimento das carreiras do aluno/atleta Andre Agassi. Para nortear esse estudo usaremos o conceito de projeto de Gilberto Velho; e os argumentos de Norbert Elias na biografia de Mozart para mostrar construção e execução de um projeto familiar, assim como suas interpretações para o universo que cerca o músico.

Para enriquecer e observar trajetórias paralelas nesse mesmo esporte acompanharemos, como pano de fundo, as biografias de Rafael Nadal, tenista profissional espanhol com 76 títulos da ATP (Associação dos Tenistas Profissionais), ouro Olímpico em 2008 e ativo no circuito internacional de tênis, onde esteve no 1º lugar do ranking por 141 semanas não consecutivas; de Gustavo Kuerten, tenista profissional brasileiro que encerrou sua vitoriosa carreira no circuito em 2008, após vencer 20 torneios da ATP e ficar 43 semanas não consecutivas como primeiro do ranking dos tenistas profissionais, sendo o único brasileiro a atingir tal posição e de Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, jogador de futebol brasileiro que defendeu o Brasil nas copas do mundo de 1982 e 1986, campeão estadual pelo

Sport Club Corinthians Paulista de São Paulo e pelo Clube de Regatas Flamengo do Rio de Janeiro.

Uma vez feita esta introdução, será exposta a metodologia utilizada para desenvolver este estudo. Seguindo esta explicação, apresentaremos resultados e discussão relativos primeiro às biografias utilizadas para fundamentar este escrito, e na sequência resultados e discussão relativas aos alunos/atletas beneficiários do programa Bolsa Atleta do governo federal. Para concluir este trabalho, apresentaremos uma proposta que vem se consolidando na comunidade europeia, que busca regular as ações de conciliação entre duas carreiras, sejam elas, esporte e escola ou esporte e trabalho.

2. Metodologia

O uso das biografias feito por esse trabalho repousa no reconhecimento delas enquanto narrativas construídas pelo indivíduo no seu processo de representação e construção da memória. Analisar a construção autobiográfica desses indivíduos permite acesso as suas trajetórias de vida e os projetos construídos por eles.

Por serem discursos de si mesmos construídos pela memória, eles surgem através de um processo seletivo de esquecimentos, exercícios de recordações e associações com a memória coletiva. Todos esses processos são feitos sempre a partir do presente e conseqüentemente do contexto social, político, cultural e econômico ao qual o indivíduo está situado. O uso de biografias enquanto fonte de análise, torna-se relevante pela possibilidade de conhecer o todo por meio da unidade, ou seja, através do individual e suas conexões com outras pessoas podemos entender um sistema mais amplo de crenças e contextos sociais. Os indivíduos são em última análise produtos do seu próprio tempo histórico, pessoas erigidas pelos processos históricos e sociais intrínsecos a sua existência e experiência. Desse modo, conhecer as marcas impressas nesses indivíduos por meio de seus discursos é de certo modo esquadrihar os processos estruturantes aos quais ele está inserido.

A construção das biografias analisadas e dos discursos sobre suas trajetórias devem ser sempre criticizados como fontes parciais, já que são constructos formados a partir das visões, crenças e contextos do presente. Nesse aspecto, as informações coletadas atualmente na pesquisa são uma “foto” desse momento presente, sendo que poderiam ser bem diferentes caso fossem feitas no futuro ou no passado. Isso porque a memória e conseqüentemente o discurso oral é mais um processo do que um texto acabado. Com isso, fica evidente que os projetos estão sempre em mutação.

No momento presente, a amostra de familiares e atletas é constituída por indivíduos que experimentam um relativo sucesso na carreira e destaque nas suas categorias de base. Com isso, as construções das suas biografias serão impactadas por esse contexto. Possivelmente, os discursos de aproximação com o esporte aparecerão com mais força e a confiança na profissionalização também. Caso fossem atletas excluídos do processo de formação e sem perspectivas no campo esportivo, a construção das biografias poderia ser bem diferente.

A ideia de estudar também a partir de projetos individuais, e por isso as biografias, dizem respeito ao contexto em que se constroem as oportunidades e a percepção dos indivíduos sobre qual oportunidade é exequível ou não. A viabilidade da oportunidade é percebida pelo indivíduo a partir dos estímulos que ele recebe do contexto social. É possível que o projeto mude ao longo do tempo, o que vimos claramente na carreira do jogador brasileiro de futebol Sócrates, e isso será acompanhado das mudanças de estímulos que os indivíduos recebem.

Escolhemos a biografia de Andre Agassi, tenista americano que foi número 1 do mundo para ser o eixo condutor desta parte do trabalho. Para enriquecer o conteúdo buscamos mais informações nas biografias de Rafael Nadal, tenista espanhol número 1 do mundo; Gustavo Kuerten, tenista Brasileiro número 1 do mundo e na biografia autorizada de Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, jogador de futebol brasileiro.

Etimologicamente, biografia, do grego bios, que significa “vida” e graphein, que significa “escrever”, é definida como “escrita de uma vida”. No dicionário Michaelis está definida como “descrição da vida de uma pessoa”. Neste trabalho, utilizamos três biografias escritas pelos próprios biografados. Neste caso, os atletas que resolveram contar as suas vidas em livros, optaram por fazê-lo com a colaboração de jornalistas que fossem também escritores, e assim garantir a qualidade do texto. A biografia de Sócrates foi escrita por um jornalista e escritor que não teve acesso as fontes pessoais do biografado porque a família do atleta não aceitou participar do projeto. Assim, as fontes para este trabalho foram arquivos de jornais e revistas conforme descrito no texto da obra, além dos livros apontados na bibliografia disponível na biografia do atleta.

Procedemos à leitura das biografias e as codificamos em duas categorias: família e escola. Depois de codificadas, organizamos essas duas categorias no webQDA para cada uma das biografias. A partir do cruzamento dos dados no software partimos então para as análises de conteúdo.

O público beneficiado pelo Bolsa Atleta na categoria Atleta Estudantil foi formado em 2011 por 245 jovens – entre 14 e 20 anos – que atuavam nas seguintes modalidades: bocha paraolímpica, *goalball*, basquetebol, voleibol, futebol de 7, futsal, handebol, futebol de 5, atletismo, judô, judô de cegos, natação, tênis de mesa e xadrez. O valor

da bolsa para o atleta dessa categoria era de R\$ 370,00 na época. Para se inscrever como candidato ao benefício, o atleta deve cumprir alguns pré-requisitos, entre eles, estar matriculado em instituição de ensino público ou privado e ter o desempenho esportivo determinado para obter o benefício.

A coleta de dados se iniciou a partir do envio de uma Carta de Apresentação para cada atleta beneficiado e seu respectivo responsável, no dia 06 de dezembro de 2012. Na referida carta, apresentamos aos destinatários o intuito da pesquisa e frisamos a importância da participação. Informamos que o contato para a aplicação do questionário poderia ser realizado via contato telefônico ou contato via Skype com os referidos atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta na categoria estudantil. Criamos uma conta de e-mail para que os atletas pudessem entrar em contato conosco, além, de criarmos uma página na rede social “Facebook”, que permitiu o contato de forma direta com os atletas, seus familiares e treinadores que estão adicionados. Todas essas informações estavam contidas na carta. Apenas quatro cartas foram devolvidas pelos Correios, alegando endereço insuficiente do destinatário, atentamos que o endereço utilizado para envio é o mesmo que consta na relação fornecida pelo Ministério do Esporte. A aplicação da entrevista estruturada durou aproximadamente de 15 a 20 minutos. Foram realizadas 165 entrevistas estruturadas em diversos estados via Skype. Após essa fase de realização das entrevistas estruturadas, iniciou-se a realização das entrevistas semiestruturadas com os atletas beneficiados pelo programa para captar as percepções desses atletas sobre a conciliação das carreiras esportiva e escolar. Para essa fase foram selecionados 20 alunos/atletas de acordo com a disponibilidade apresentada para realização das entrevistas (período de junho a agosto de 2013) e a modalidade esportiva. Dos 20 atletas selecionados conseguimos realizar 18 entrevistas, duas dessas entrevistas não ocorreram em função dos atletas desmarcarem no momento que os entrevistadores estavam em campo. Agendamos com cada atleta uma determinada data para a realização das entrevistas em profundidade em suas cidades. As entrevistas foram realizadas apenas com atletas de modalidades individuais, escolhemos essas modalidades em função de serem as mais contempladas por esse tipo de modalidade de bolsa no programa. As entrevistas foram transcritas, carregadas num programa de análise de conteúdo e tabuladas a partir das categorias que respondem à questão central da pesquisa: como se dá a conciliação entre o

esporte e a escolarização dos atletas. As entrevistas se concentraram na região sul, sudeste e centro-oeste do país, pois, nessas regiões o número de beneficiados pelo programa era maior na época do estudo. Quanto a distribuição, 1/3 destes alunos/atletas reside na região sul, 1/3 na região sudeste e 1/3 na região centro-oeste. Os nomes aqui listados são fictícios.

	Nome fictício	Modalidade	Sexo	UF	Escolaridade		
					AlAt	Mãe	Pai
1	Gabriel Nadador	Natação	M	SP	M	F2	F2
2	Danilo Corredor	Atletismo	M	SP	M	F1	D
3	Felipe Nadador	Natação	M	SC	M	M	S
4	Lilian Judoca	Judô	F	GO	M	F2	M
5	Nei Judoca	Judô	M	MG	M	S	M
6	Henrique Tenista (P)	Vôlei sentado e Tênis	M	DF	M	S	M
7	Betina Nadadora	Natação	F	MG	S	S	S
8	Sandra Ciclista	Ciclismo	F	PR	M	S	S
9	Andreia Judoca	Judô	F	MG	S	M	S
10	Nelson Corredor	Atletismo	M	SC	M	S	M
11	Jorge Corredor	Atletismo	M	SC	S	F1	F2
12	Sebastião Judoca	Judô	M	GO	F2	M	F2
13	Pedro Ciclista	Ciclismo	M	GO	M	M	S
14	Teresa Tenista (P)	Tênis	F	GO	M	F2	F2
15	Lucas Ciclista	Ciclismo	M	PR	S	S	S
16	Helena Ciclista	Ciclismo	F	PR	M	S	S
17	Cesar Nadador	Natação	M	SP	S	S	M
18	Aurélio Judoca	Judô	M	DF	M	S	M

Legenda: AlAt= Aluno/atleta; D= desconhece; F1= Ensino Fundamental 1; F2= Ensino Fundamental 2; M= Ensino Médio; P= Paratleta; S= Ensino Superior

Apesar de realizarmos as 18 entrevistas, observamos que o ponto de saturação dos conteúdos ou informações geradas a partir das entrevistas se deu já na décima entrevista. Essas entrevistas foram filmadas com a autorização prévia dos atletas e dos seus responsáveis. O material das entrevistas foi codificado e analisado, tendo por base o cruzamento entre os objetivos da pesquisa, expressos por meio das questões orientadoras, e os temas que surgiram a partir da interação entrevistador e entrevistado. Utilizamos a técnica de análise de conteúdo temática. Neste texto, trabalhamos com o foco nas percepções dos atletas sobre a relação entre escola e esporte.

Para organizar os dados coletados nas entrevistas escolhidas, foi usado o software de análise qualitativa de dados webQDA. A codificação foi realizada a partir das seguintes palavras que surgiram na entrevista semiestruturada: lazer; carreira; estudo; escola; deslocamento; tempo; professor; prova; avaliação; nota; promoção; trabalho; idade; calendário; treino; escolaridade; desgaste; tarefa; aprovação; reprovação; lesão; recuperação; cansaço; família; incentivo; viajar; atletas; gastos; investimento e viagem.

Para estruturar a tabulação das falas dos entrevistados, criamos 14 temas na categoria codificação “Nós Livres”: Carreira no esporte, Carreira depois do esporte, Escola, Estudo, Lazer, A Bolsa, Escola vs Esporte, Incentivo, Família, Recuperação, Rotina de treinos e estudos, Tarefa, Deslocamento e Formação pelo esporte. Nesse estudo, como já dito, nos concentraremos em analisar as falas sobre esporte vs escola, rotinas de treino e estudo, escola e como a família representa a escola e o esporte na vida de seus filhos.

Aspectos éticos: o projeto em toda entrevista ou aplicação de formulário utilizamos o termo de consentimento livre e esclarecido. O anonimato será assegurado aos participantes e as instituições em publicações e apresentações públicas do estudo.

3. Projetos e escolarização de atletas nas biografias: Andre Agassi, Gustavo Kuerten, Rafael Nadal e Sócrates

O tema que perseguimos nessa linha de pesquisa é o da conciliação entre as carreiras do atleta e de estudante. Como a formação do atleta em geral se dá num período da vida que coincide com o período da escolarização básica, a construção de um projeto de carreira no esporte deve, obrigatoriamente, ser conciliado com a formação escolar. Nessa direção, como já dito na introdução desse estudo, vários caminhos estão sendo percorridos pelo LABEC em diferentes modalidades esportivas com diferentes abordagens metodológicas.

O objetivo do estudo aqui apresentado é abordar o tema da conciliação da carreira esportiva com a escolar a partir das biografias publicadas de atletas de sucesso nos seus respectivos esportes. Sendo assim, essa é mais uma das experiências de tratamento do tema em questão.

Realizamos as leituras das biografias, utilizadas como corpus desse estudo, a partir de uma perspectiva “antropofágica epistemológica” no que diz respeito: a) as experiências reconstruídas nas biografias publicadas para o grande público; b) aos marcos metodológicos indicados ou preconizados na construção e no tratamento das biografias reconstruídas, pelo biografado e biógrafo, para entender os processos de individuação de personagens nos seus tempos sociais. A ideia colocada de “antropofagia epistemológica” se inspira ou traduz a perspectiva de consumo de perspectivas teóricas e empíricas que sejam funcionais e/ou permitam mais um ângulo de leitura do problema da dupla carreira vivida por atletas famosos em suas respectivas trajetórias. Construimos essa noção a partir da inspiração de Oswald de Andrade no “Manifesto Antropofágico” que induz que a nova arte nacional deveria ser construída a partir da “deglutinação” dos estilos e modelos internacionais da arte. Com isso queremos informar ao leitor que aqui não estamos preocupados em construir uma análise biográfica sendo fiel a uma ou outra perspectiva teórica ou metodológica, assumimos aqui a “deglutinação” das obras comerciais dos atletas e das metodologias e teorias a partir da questão mais ampla da escolarização de atletas.

Antes de entrarmos nas análises das biografias publicadas, devemos apresentar algumas das noções teóricas, bem como suas limitações, para a leitura

“antropofágica” das biografias e das histórias de vida aqui tratadas numa das perspectivas das ciências sociais.

Aqui não iremos reeditar o debate do trabalho historiográfico e sociológico da construção ou usos das biografias, seja como ilusão biográfica como criticou Pierre Bourdieu (1998), seja como forma de fazer história de identidade nacional a partir de personagens heróis pela história positivista (DEL PRIORE, 2009; CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, 2012). Partiremos do entendimento que as biografias, histórias de vida e trajetórias individuais, do homem comum ou de indivíduos com notoriedade pública, podem, também, fornecer caminhos para o entendimento do contexto social e cultural mais amplo da sociedade ou do campo no qual estão inseridos os indivíduos tomados como objeto de observação. Como observa Del Priore (2009), “[A] biografia desfez também a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não existe só. Ele só existe “numa rede de relações sociais diversificadas” (p.10).

Nessa direção, Elias (2001, 2000, 1994, 1970) indica que as “teias de interdependência” são as figurações nas quais cada indivíduo relaciona-se com os demais a partir de dependência funcional, isto significa que cada indivíduo não é um ser isolado de seu tempo e dos valores (convergentes ou não) de sua sociedade. As trajetórias individuais apresentam, se observadas nas configurações, dimensões centrais ou ordinárias de determinadas sociedades inscritas em determinado tempo social. Em outras palavras, um indivíduo, se observado como objeto de investigação, pode revelar em parte seu *habitus* de classe, os dilemas de seu grupo social e as interações que realiza ou realizou em seu tempo social. Todavia, o investigador quando seleciona uma biografia, uma história de vida ou trajetória individual, de uma pessoa comum ou de uma figura pública, o faz a partir de certos indícios e objetivos que se associam as questões que acredita que tal história de vida pode revelar sobre o passado ou sobre o presente. Elias (1995), nesse sentido, quando toma Mozart para escrever a sociologia de um gênio demonstra dimensões da sociedade de corte do tempo de seu personagem, o rígido processo de socialização familiar e cultural que esse gênio foi submetido para expressar sua genialidade e os dilemas da trajetória de Mozart para sobreviver e expressar sua música num campo em formação/estruturação ou num quase-mercado que dependia fundamentalmente do mecenato da nobreza. Elias ao tomar como fonte as biografias de Mozart e outros

elementos presentes na documentação sobre esse personagem não se preocupa em explicar ou reificar a imagem do gênio, mas ele toma os elementos centrais e ordinários da vida desse personagem para apresentar mais uma das dimensões da sociedade de corte (tema também desenvolvido pelo autor) e do campo da música que, ao contrário da literatura da época, era dependente do consumo, do financiamento e do gosto da nobreza. Mozart, a sua maneira, apresentou em diversas oportunidades comportamentos de resistência (irônicos ou descontrolados) a esse tipo de imposição estrutural daquela sociedade e ainda tentou assumir uma posição liberal de venda de sua arte, mas aquela sociedade não possui um mercado estruturado para os profissionais liberais da música erudita. Com isso Elias, ao tomar Mozart, não reforça mitos sobre esse personagem, ao contrário, ele constrói uma narrativa que apresenta as faces do homem potente e forte em sua arte e, ao mesmo tempo, emocionalmente frágil e inconformado com sua posição social de dependência que teve uma trajetória curta, potente e angustiada naquele tempo social.

Esses argumentos justificam, em certa medida, nossa opção em trabalhar com as biografias dos atletas, mesmo as construídas para fins comerciais, para entender como personagens públicos do esporte representaram a reconstrução de suas trajetórias nas carreiras esportiva e escolar, bem como se dá a socialização e construção dos projetos de carreira de nossa sociedade. Entendemos que as biografias aqui analisadas, com essa “atitude canibalesca” para os propósitos de nosso estudo, não revelam a realidade fatural vivida por nossos personagens, mas, sobretudo, nos fornecem pistas sobre as representações e reconstruções de suas existências e experiências no esporte e na sociedade. O material selecionado para esse estudo deve ser encarado como peças da memória dos biografados e dos biógrafos nos processos de interpretação e escrita das vivências que ambos desejam deixar registradas (CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, 2012). Como sabemos, a memória é sempre um jogo de lembrar e esquecer, ela é editada consciente ou inconscientemente, que se materializa no momento em que ela é enunciada e inscrita no tempo presente (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006; LE GOFF, 2003). Não temos ilusão que, ao tratar de um material produzidos sobre personagens de sucesso no esporte que estão em sua maioria ainda na cena pública ou na memória recente, com a autorização dos próprios e/ou de seus familiares, estaremos lidando com um material sem vieses, tanto do ponto de vista do tipo narrativa dessas biografias quanto

da própria natureza do esporte em nossa sociedade. Helal (2002), com objetivos distintos do argumento aqui tratado, lembra que:

O esporte exerce um fascínio e uma atração muito grande nas pessoas justamente por se tratar de um momento especial, um contexto extraordinário, constantemente “alimentado” de mitos, casos, lendas e histórias fantásticas, reforçando a questão da emoção e excitação conforme colocada por Elias (1985). Histórias de “esporte pelo amor ao esporte”, por exemplo, aparecem frequentemente neste universo, mesmo com todas as evidências de que se trata cada vez mais de uma indústria que movimenta uma soma fantástica de dinheiro. Outras como superação de obstáculos intransponíveis, levando os atletas a condições de semideuses, também surgem constantemente (p. 111).

Com isso não podemos deixar de considerar que estamos diante de um tipo de fonte que apresenta vários limites em função de terem sido construídas com fins comerciais de personagens de sucesso no esporte e, sobretudo, por serem produtos de processos de representações e interpretações entre personagens, escritores² e editoras sobre aquilo que deve ser lembrado e registrado. Se tais obras biográficas foram construídas para traçar as trajetórias com altos e baixos, as superações e a psicologia desses atletas no esporte, elas também acabam por fornecer relatos de experiências secundárias ou progressas da vida desses personagens para dar sentido ao processo biográfico. Podemos pensar que, em certa medida, essas biografias mesmo sendo produtos voltados para destacar os processos de individuação desses personagens, elas também podem revelar formas de reflexão e representação sobre o agir e o pensar desses atletas na reconstrução de suas experiências de memória e fazer emergir elementos do campo esportivo e da sociedade em que vivem. Todavia,

² J.R. Moehringer é um jornalista e autor americano. Nascido em Nova Iorque em 1964 e graduado pela Universidade de Yale em 1986. Trabalhou no New York Times e no Los Angeles Times. Escreveu junto com Andre Agassi *Open: An Autobiography* que foi lançada em 2009.

Luís Colombini nasceu em São Paulo, cidade, em 1965, é jornalista e foi diretor de redação da revista *Seu Sucesso*. Trabalhou também nas revistas *Veja*, *Viagem e Turismo*, *Você S/A*. Hoje é editor de livros. Seu livro de estreia é: *Aprendi Com Meu Pai*. Escreveu junto com Guga a biografia *Guga um Brasileiro* que foi lançada em 2014.

John Carlin nasceu em 1956 é autor e jornalista que escreve sobre esportes e política. Nasceu na Inglaterra de pai escocês e mãe espanhola. Trabalhou na Argentina, México, América Central, África do Sul e hoje escreve para o *El País* da Espanha. Escreveu *Playing the Enemy: Nelson Mandela and the Game that Made a Nation* que foi base para o filme *Invictus* de Clint Eastwood. Em 2011, junto com Rafael Nadal, lançou a biografia deste, *Rafa*.

Nascido em 1972, Tom Cardoso que escreveu a biografia *Sócrates*, é jornalista com vasta passagem pela imprensa paulistana. Autor das biografias do empresário Paulo Machado de Carvalho, O Marechal da Vitória, e do jornalista Tarso de Castro, *75 KG de músculos e fúria*, foi um dos vencedores do Prêmio Jabuti 2012 com o livro-reportagem *O cofre do Dr. Rui*, que narra o assalto ao cofre de Adhemar de Barros, em 1969, comandado pela Var-Palmares.

tais experiências relatadas são mediadas pelas lógicas da narrativa (CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, 2012) construídas por biógrafos profissionais.

Duas limitações se impõem ao pesquisador que toma como fonte biografias construídas por profissionais que pretendem narrar histórias de vida de personagens que dependem, durante e após suas carreiras, de uma boa imagem no mercado. Primeiro, o sucesso esportivo transforma o nome desses atletas em marcas e empresas altamente valorizadas no mercado. Esse é um tipo de limite no qual os dramas pessoais experimentados nas trajetórias de vida devem ganhar um sentido positivo, principalmente se tais atletas ainda estão em atividade ou no mercado de venda de sua imagem, mesmo após aposentarem-se no esporte. Outra limitação, mais geral, e já brevemente comentada, é o fato que todo relato biográfico se vale da ressignificação do passado com aquilo que o biografado deseja lembrar ou esquecer para construir coerência de sua trajetória de vida. Claro que esse argumento deve ser relativizado, pois, estamos observando biografias de sucesso no campo esportivo, mesmo quando os relatos contidos nas narrativas apresentem os obstáculos, os equívocos ou angústias representadas por esses personagens nas descrições e interpretações de suas trajetórias de vidas. Apesar disso, a memória deve ser tratada aqui como um dado que deve ser tratado com cuidados necessários, como uma fonte, sem que a transformemos esse tipo de fonte em pura ficção.

Não devemos colocar a memória em oposição à história porque, em última instância, a história é uma expressão da memória ou uma “construção” desta. Tomar a memória de um indivíduo, de um grupo ou aquela conservada pela mídia, significa ter acesso a um tipo específico de fonte que deve ser analisada tendo em vista qual o enigma que ela auxilia a desvendar. As fontes são sempre espelhos deformantes que cabe ao historiador reduzir as distorções (GINZBURG, 2002). Nessa direção, o fazer história a partir de qualquer fonte, sejam textos jornalísticos, romances ou depoimentos pessoais, impõe que o historiador respeite alguns princípios como nos aconselha Ginsburg: a) qualquer ponto de vista é parcial e seletivo; b) as fontes devem ser encaradas com imagens que a sociedade deixa de si; c) os testemunhos presentes em qualquer fonte devem sempre, que possível, ser lidos às avessas com as ferramentas teóricas das disciplinas e saberes que apoiam o fazer história; d) apesar dos limites de qualquer fonte, a construção histórica não é incompatível com a apresentação de provas ou evidências para contar o que aconteceu ou que as

peças pensavam, faziam, sentiam ou davam significado para suas ações no passado (SOARES, HELAL, SANTORO, 2004, p. 62)

A partir da perspectiva da microssociologia, Becker (1993) chama atenção na mesma direção que:

A história de vida não é um “dado” para a ciência social convencional, embora tenha algumas de suas características por se construir numa tentativa de reunir material útil para a formulação de teoria sociológica geral. Tampouco é ela uma biografia convencional [...]. Certamente não é ficção, embora os documentos de história de vida mais interessantes tenham uma sensibilidade, um ritmo e uma urgência dramática que qualquer romancista adoraria conhecer. [...] a história de vida se aproxima mais do terra-a-terra, [...] se interessa menos por valores artísticos do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito no mundo no qual vive (p. 102).

Apesar de Becker (1999) demarcar o espaço das histórias de vida como algo distinto das biografias e do caráter ficcional que estas podem assumir, assumimos aqui o risco de trabalhar com as biografias autorizadas e comerciais, com os relatos autobiográficos de atletas famosos que permitiram a apresentação de seus dramas e sucessos aos seus fãs. Com isso indicamos que a partir de uma leitura indiciária e utilitária para os propósitos da questão mais ampla desse estudo, tomamos esse material publicado para observarmos como a escolarização funciona na narrativa das biografias desses atletas, ora como figura ou como fundo, na trajetória relatada a partir das experiências desses bem-sucedidos no esporte. Em certa medida, queremos observar, como aconselha Ginzburg (2011), os detalhes secundários, os projetos esportivos e de escolarização desses atletas, bem como, levantar pistas e sinais que aparecem na reflexão mediada por seus biógrafos nas obras publicadas.

Outra noção importante e necessária antes de adentrar no material analisado é a noção de projeto, entendida aqui como “uma conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, 1979, p.32). Tal conduta pode ser problematizada a partir de uma unidade de análise, seja um indivíduo, um clube (GIACOMINI, 2006), uma empresa ou um estado nacional. O que importa é como essa noção reconstrói as ações, as decisões, as escolhas e as oportunidades e restrições que se apresentam ao ator ou atores tomados como objeto de análise. Gilberto Velho (2003) divulgou essa noção como ferramenta fecundada para o pesquisador organizar e captar os processos de individuação das unidades de análise que são construídas

sobretudo para entender os valores e as dinâmicas nas sociedades e culturas moderno-contemporânea.³ Nesse sentido, nossa leitura “canibalesca” das biografias intenciona reconstruir os projetos desses atletas e de suas famílias a partir dos respectivos relatos biográficos.

Tomamos como corpus do estudo quatro biografias a saber: Andre Agassi, Rafael Nadal, Gustavo Kuerten e Sócrates. O tenista Andre Kirk Agassi nasceu em 1970 na cidade de Las Vegas no estado de Nevada nos Estados Unidos. Filho de um imigrante iraniano que trabalhava como garçom em Las Vegas, com uma norte-americana funcionária pública. Seu pai foi atleta de boxe com uma participação nas olimpíadas de 1948 em Londres na Inglaterra e 1952 em Helsinque na Finlândia. Andre tem um irmão e duas irmãs. Começou a jogar profissionalmente aos 16 anos de idade. Venceu oito vezes no circuito Grand Slam, que é composto pelos torneios de Roland Garros, Wimbledon, Austrália Open e US Open. É um dos três tenistas a ter conquistado os quatro torneios Grand Slam em uma mesma temporada na era moderna, onde todos os tipos de piso são contemplados. Ganhou no total 61 torneios de simples da Associação de Tenistas profissionais - ATP. Ganhou uma medalha de ouro olímpica ao vencer o torneio de simples na olimpíada de Atlanta (USA) em 1996. Ficou 101 semanas como o número 1 do ranking da ATP e aparece entre os dez primeiros entre 1999 e 2006, ano em que para de jogar profissionalmente. Durante os vinte anos da sua carreira faturou um total de 31,2 milhões de dólares em prêmios.

O tenista Rafael Nadal Parera nasceu no ano de 1986 em Manacor, cidade da ilha de Maiorca na Espanha. Filho de um próspero homem de negócios e uma dona de casa. Rafael tem uma irmã. Seus tios Miguel Angel e Toni Nadal também foram atletas profissionais. Miguel Angel jogou futebol no FC Barcelona e na seleção espanhola e Toni jogou tênis e é o formador e técnico de Rafael até hoje. Rafael venceu 14 torneios individuais de Grand Slam e tem no total 66 títulos em torneios da ATP, e também uma medalha de ouro olímpica que ganhou por ter vencido o torneio de simples da

³ Ao contrário do indivíduo-sujeito fomentado pelas ideologias individualistas temos um indivíduo fruto de concepções englobantes. Nesse aspecto questões como a linhagem, e o parentesco e a própria sociedade são vistos como mais importante no momento de formar os projetos. Isso porque mesmo em sociedade calcadas nas ideologias individualistas as noções englobantes também se fazem presentes.

olimpíada de 2008 em Pequim na China. Aparece em primeiro lugar no ranking da ATP por 141 semanas. Faturou até hoje 75 milhões de dólares em prêmios.

O tenista Gustavo Kuerten nasceu na cidade de Florianópolis no ano de 1976. Filho de uma assistente social e um comerciante. Gustavo tem dois irmãos. Sua mãe foi tenista, tendo sido vice-campeã catarinense de duplas, seu pai campeão catarinense de basquete e sua avó materna jogava voleibol também participando de competições oficiais, porém sem resultados significativos. Guga começou sua carreira profissional em 1995 e ganhou no total 20 torneios da ATP sendo três deles Grand Slam, ficou 43 semanas na primeira colocação no ranking da ATP. Aposentou-se em 2006 tendo faturado 14,8 milhões de dólares.

O jogador de futebol Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira nasceu em Belém no estado do Pará no ano de 1954 e morreu na cidade de São Paulo em 2011. Seu pai era funcionário público federal e sua mãe dona de casa. Era conhecido Dr. Sócrates por ter se formado em medicina pela USP no ano de 1977. Sócrates é o primogênito de seis irmãos tendo sido o mais jovem, Raí, também jogador de futebol. Sua atuação no campo da medicina se restringe a atendimentos durante o momento em que fez residência médica na UFRJ, quando já não jogava mais futebol profissionalmente. Começou sua carreira profissional no futebol em 1973 no Botafogo de Ribeirão Preto indo para o Sport Club Corinthians Paulista em 1978. Em 1984 e 1985 jogou na Associazione Calcio Firenze Fiorentina. Retorna ao Brasil para jogar no Clube de Regatas Flamengo se transferindo para o Santos Futebol Clube em 1988. Em 1989 termina sua carreira esportiva no clube que o revelou. Jogou pela seleção brasileira de 1979 a 1986 tendo participado de duas copas do mundo. Foi técnico de futebol do Botafogo de Ribeirão Preto, da Liga Deportiva Universitaria de Quito - LDU do Equador e da Associação Desportiva Cabofriense. Teve passagens pelo teatro como ator e produtor e também pela política. Quando estava no Corinthians fundou a Democracia Corinthiana, movimento relevante para a democratização do futebol. Foi articulista da revista Carta Capital e do jornal Agora São Paulo e comentarista esportivo.

Dividimos este trabalho em dois blocos: 1) Projeto Familiar e 2) Escola. Em cada um deles apresentaremos como cada um dos biografados lidou com a questão relativa àquele tema e na sequência fechamos o capítulo com uma discussão.

3.1 Projeto familiar

A família, diante do processo de moratória social vivido por seus filhos na infância e na adolescência, se torna fundamental para auxiliá-lo a realizarem avaliações e escolhas diante das possibilidades, limites e oportunidades que a vida propõe. Seu papel é fundamental na estruturação do projeto de vida de seus filhos. Aqui estamos preocupados em entender um tipo de escolha específica de uma pequena parte, mas não insignificante, dos jovens que obtiveram sucesso na carreira esportiva e foram obrigados a realizarem escolhas nas trajetórias de suas vidas. Entender como esses atletas de sucesso, do sexo masculino⁴, formataram com suas famílias suas carreiras e administraram a escolarização é a questão central desse texto. Uma vez que a escola se tornou, do ponto de vista moral e legal, uma carreira obrigatória na quase totalidade dos estados-nação do ocidente, o esporte aparece como outra carreira, como uma expressão precoce do dom, que deve levar em consideração as necessidades educativas colocadas para as crianças e jovens. Por conta da idade dos protagonistas que escolhem a carreira esportiva, o projeto elaborado pela família para esses personagens deve levar em conta o que culturalmente é colocado como deveres da família e do Estado na formação das crianças e jovens.

O projeto familiar é central na socialização das crianças e jovens mesmo em sociedades que guardam uma distância temporal das nossas. Elias (1995), por exemplo, reconstruiu a trajetória de Mozart tomando como ponto de partida o projeto familiar e as condições sociais (objetivas e subjetivas) que possibilitaram a expressão daquele gênio da música. Elias (1995) destaca que Leopold Mozart, pai do famoso compositor austríaco do período clássico, também foi de importância fundamental na formação e na formatação da carreira de seu filho, por mais que Mozart fosse também um certo rebelde de seu tempo. Leopoldo era uma pessoa de forte tendência pedagógica e uma formação sólida e ampla. Filho de um artesão ambicioso alcançou sucesso relativo como regente substituto na corte de Salzburg. No entanto, todo seu desejo de realização foi canalizado aos filhos, principalmente ao filho homem.

⁴ Esse estudo apresenta a limitação de tratar apenas de atletas do sexo masculino, pois, entender como as mulheres atletas formataram suas carreiras é fundamental para entendermos como as famílias e a sociedade apoiam ou restringem as mulheres às oportunidades de trilharem por um campo no qual os homens ainda são a maioria.

Ensinou-o a tocar piano aos três anos de idade. Dedicou mais tempo ao filho que o normal, a ponto de deixar de investir em sua própria carreira. Sabemos que Mozart não frequentou a escola (não era algo comum em seu tempo) e que sua educação, tanto musical quanto dos conhecimentos de línguas e outras culturas foram adquiridos com a ajuda do pai como seu principal preceptor. Assim, Mozart foi apresentado às obras dos mais conhecidos compositores da Áustria e da Alemanha até os seis anos de idade. Suas viagens constantes em turnê pela Europa possibilitaram que a infante tomasse conhecimento amplo da vida musical da época, tendo assim contato com os principais compositores da Inglaterra, França e Itália. Deve ficar claro que as oportunidades vividas por Mozart em sua direcionada infância para assimilar saberes e experiências e que depois se refletem nas suas obras musicais só pôde em função da genialidade e virtuosidade daquele menino. Todavia, Elias (1995) faz questão de descrever a estrutura, o ambiente cultural, os incentivos e coerções sociais explicitados no contexto familiar e cultural que possibilitaram a expressão e um determinado tipo de trajetória de Mozart naquela sociedade de corte. Nesse sentido, inclusive interpreta que parte da angústia do Mozart autor que intencionava vender sua mão de obra de forma independente, e abrir mão de viver sob a dependência da corte aristocrática, era por não ter tido seu talento reconhecido na dimensão que imaginava merecer no seu tempo. Elias com isso demonstra na análise dessa trajetória como o indivíduo não pode ser visto em separado das forças que compõem as configurações sociais, assim projetos, família, sociedade, ações e reações de determinado tempo social estão presentes e podem ser apreendidos da análise da biografia de um indivíduo que pode refletir diferentes instâncias e valores de uma sociedade.

A construção de um projeto e sua conseqüente execução não dependem só do ator principal, mas também das vontades e intenções daqueles que estão no entorno deste ator principal e da sociedade e da cultura. Os projetos individuais aqui analisados objetivam observar como as carreiras esportivas de sucesso dependeram da capacidade de fazer escolhas dentro dos seus campos de possibilidades que a estrutura social forneceu a esses personagens, sem esquecermos a importância da relação de interdependência sempre existirá entre indivíduos e estrutura social.

3.1.1 Andre Agassi

Aos três anos de idade Andre ganhou sua primeira raquete e aos quatro começou a aprender com seu pai os fundamentos do tênis. Aos sete anos de idade Andre já tinha uma rotina de treinos sobre o comando de seu pai, que modificou uma máquina de lançar bolas, comumente utilizada para treinos de tênis, para que este ficasse ainda mais poderosa, colocou sobre um pedestal para que atirasse as bolas de um ponto mais alto a fim de dificultar mais as rebatidas do jovem aprendiz. Com a orientação do pai, que foi o preceptor do filho no esporte, Andre rebatia 2.500 bolas lançadas pelo “dragão” por dia, nome dado a máquina de seu pai por cuspir bolas. Seu pai acreditava que se ele rebatesse um milhão de bolas por ano ele seria imbatível. Para isso orienta Andre sempre aos gritos durante os treinos, repete a mesma ordem pelo menos duas vezes e deixa clara a sua raiva toda vez que a rebatida de Andre acerta a rede. Para Mike, pai de Andre, esses treinos visavam o torneio de Wimbledon. Por várias vezes, as instruções do pai continuavam durante o jantar. Dois valores centrais do campo esportivo que se relacionam a incorporação de técnicas corporais (MAUSS,2003) se fundam na imersão total na atividade esportiva e na contínua repetição de gestos que levam a automatização do movimento para o atleta reduzir o tempo de tomada de decisão e a virtuosidade do fazer. Isso tanto vale para o pianista quanto para o atleta.

A quantidade de bolas espalhadas pelo chão da quadra atrapalhava o deslocamento do infante aprendiz, num treino de voleio⁵ não conseguia mais ver o chão da quadra por conta da quantidade de bolas ali espalhadas. Andre tropeça em uma bola e cai, levando o pai/treinador a refletir e avaliar que seu método poderia ser contraproducente e precisava de ajustes, pois, a meta era atingir o objetivo de 2.500 rebatidas por dia. A decisão foi aumentar a velocidade da máquina que junta as bolas. Quando tinha cinco anos André acompanhou seu pai na adaptação de um grande ventilador que não era para secar a quadra de tênis, pois, moravam em Las Vegas, uma cidade no meio do deserto que raramente chove. A finalidade do ventilador era empurrar todas as bolas que estavam no chão para um canto da quadra, onde seriam todas recolhidas com uma pá de neve e colocadas em latões para alimentar o “dragão”.

⁵ Golpe executado antes que a bola toque o solo.

Estas ações demonstram o projeto de formação de atletas construído no seio familiar. Fica claro que a opção de jogar tênis não partiu de Andre Agassi, seu pai definiu isso não só para Andre, mas também para seus três irmãos. Todos os quatro foram educados e treinados para jogar tênis, mas só Andre seguiu carreira profissionalmente.

Andre Agassi: Meu pai mandou levantar o inimigo [Dragão] quase vinte centímetros acima da altura regulamentar, para dificultar ainda mais bater as bolas acima dela. Se eu conseguir mandar as bolas sobre a rede mais alta do meu pai, ele imagina que não terei dificuldades quando estiver jogando em Wimbledon [...] (p. 29).

Seu pai comprou a casa em que eles moraram pelo tamanho do terreno nos fundos do quintal. Foi assim, que a biografia descreve a busca de uma casa para a família liderada por um imigrante iraniano casado com uma americana e seus quatro filhos. Mike chegava aos imóveis para conhecê-los sendo levado por um corretor. Saltava do carro ainda em movimento, atravessava todo o imóvel sem olhar para nenhum cômodo ou avaliar o conforto que este poderia oferecer, dirigindo-se direto ao quintal. A medida do quintal é que determinava se o imóvel serviria ou não, devendo caber ali obrigatoriamente, uma quadra de tênis com medidas oficiais. Para concretar a quadra a mão de obra era contratada no estacionamento do McDonald's. Desocupados que ficavam ali ociosos e que aceitavam a tarefa eram pagos com sanduíches, batata frita e refrigerantes.

Quando compararam a casa, afastada da cidade em função dos recursos e da possibilidade de instalação de uma quadra de tênis, Agassi relembra que ainda antes da última caixa da mudança entrar em casa, Mike Agassi já estava trabalhando na construção da quadra mesmo sem entender nada de construção, a quadra foi bem construída, pois, ele era um homem extremamente obstinado. Colocou no berço de Andre um móvel com bolinhas de tênis e o estimulava a bater nelas com uma raquete de pingue-pongue, com três ganhou uma raquetinha. Já com 4 anos o pai o levava para bater bola com tenistas locais, entre eles Jimmy Connors, quando vinha à cidade. Mike conhecia Jimmy Connors em função de encordoar⁶ as raquetes do famoso

⁶ Prover de cordas, pôr cordas na raquete de tênis.

tenista e pedia para que ele trocasse algumas bolas com Andre quando este tinha 4 anos de idade.

Andre Agassi: No final do nosso bate-bola, Connors disse ao meu pai que tinha certeza de que eu seria um tenista muito bom. Isso eu já sei, meu pai respondeu, aborrecido. Um tenista muito bom? Não, ele vai ser o número 1 do mundo (p. 33).

Apesar de Mike ser um obstinado e acreditar que pelo menos um dos seus filhos poderia tornar-se atleta profissional de tênis, os movimentos de Mike buscavam desenvolver as habilidades necessárias para construir tenistas campeões em sua casa. O ato de lembrar os encontros com Connors tem a função de marcar que o potencial de Agassi era atestado por alguém nada menos que um ídolo em atividade no mundo do tênis. A revelação do talento ou potencial no campo esportivo, sobretudo, atestado por um bem-sucedido se transforma na reconstrução da trajetória de Agassi como uma profecia que se realizou e estava prevista.

Mike achava o tempo gasto na escola básica um desperdício e, às vezes, propunha aos filhos uma ida ao Cambridge Racquet Club para fazerem um treino pela manhã. Estes treinos não poderiam ser em casa, porque aconteciam escondido da mãe de Andre que não aprovaria a ausência da escola. Com oito anos seu pai avisa que o tempo de treinar contra o “dragão” e fazer jogos sem importância no Cambridge haviam acabado e fornecido a experiência necessária, e que daquela data em diante ele deveria participar de torneios de verdade. Os torneios aconteciam nos finais de semana em cidades vizinhas a Las Vegas. Toda a família se deslocava de carro para os torneios. Andre ganhou os sete primeiros torneios para crianças até 10 anos que disputou. Para seu rígido e controverso pai isso era apenas uma obrigação. Quando perdeu a primeira final não cumprimenta o adversário ao sair da quadra, segundo ele havia internalizado na época o comportamento irascível do pai diante dos adversários e das derrotas. Observemos que o pai de Agassi, como já dito havia sido lutador em sua juventude, e ethos esportivo do campo das lutas desenvolve como técnica ritual a demonstração de superioridade, de ausência de medo, de desdém e desrespeito pelos adversários antes da luta, mas após a luta essa tensão se desfaz diante do resultado quando sentido pelos oponentes como justo. Agassi também vai lembrar jogos que semelhante jogo psicológico que acabamos de descrever para o campo das lutas, também está presente no tênis na troca de bolas e olhares durante o jogo.

Entretanto, esse é um espaço que tais sentimentos e expressões devem ser mais bem controlados e cifrados que nas lutas. Lembra Agassi, após essa derrota

Andre Agassi: Depois de anos ouvindo meu pai berrando na minha cabeça por causa dos meus erros, bastou uma derrota para eu assumir o discurso dele. Eu tinha internalizado meu pai – sua impaciência, seu perfeccionismo, sua fúria – até que a voz dele não apenas parece a minha: é a minha voz. Não preciso mais dele para me torturar. Desse dia em diante, eu mesmo posso fazer isso sozinho (p. 37).

Mike, que era chefe dos garçons de um cassino da cidade e um grande apaixonado pelo tênis, tentou seu método de treinamento com os outros filhos (irmão e irmã) também, mas Andre teria sido o escolhido. Pois, treinava mais que os irmãos, embora fosse o mais novo, e resistia, a sua maneira, aos destemperos de seu pai, de quem ele nunca teve dúvida do amor dedicado aos filhos, mesmo reconhecendo em seu pai um homem duro e de personalidade explosiva e irascível.

Aos treze anos Andre é avisado pelo pai que iria se mudar para Florida porque seria matriculado numa academia de tênis. Não havia mais como Andre melhorar o seu jogo de tênis morando em Las Vegas uma vez que não tinha mais, já aos treze anos, adversários na cidade. Um ano de curso na Nick Bollettieri Tennis Academy custava 12 mil dólares por ano, dinheiro que os Agassi não tinham. O pensado inicialmente era ficar três meses, porque gastar três mil dólares era um esforço possível à família. Ao observar Andre depois de alertado por um dos seus auxiliares, Bollettieri percebe o potencial do infante e o convida a permanecer na academia sem ter que pagar mais nada dali por diante. Bollettieri foi o primeiro técnico de Andre.

Poderíamos demarcar mais passagens da biografia de Agassi que indicam a construção de um projeto de carreira esportiva construído no seio da família para Andre Agassi, mas esses indícios lembrados da construção e da sua reconstrução biográfica revelam várias coisas. Revelam o contexto e a visão de imigrante que persegue o American Dream. O esporte profissional desde sua formação e difusão nos Estados Unidos foi integrado a indústria de entretenimento e permitiu que atletas de diferentes origens sociais mobilidade econômica e social. Mike vivia numa cidade do entretenimento e do jogo e incorporando o ethos de ser americano acreditava que o esforço e a competência eram elementos centrais para o sucesso, sobretudo nos esportes. Com isso o projeto de Andre e de toda família passou a ser construir um

campeão. Mike Agassi entrou em contato com ingleses e americanos ao final da segunda guerra quando esses foram locados em bases no Irã. Com eles aprendeu rudimentarmente a língua inglesa e teve seu primeiro encontro com o tênis. Como as quadras que os soldados usavam para jogar não tinham cerca as bolas iam muito longe e Andre se encarregou de buscá-las, além disso ficou também responsável pela manutenção da quadra. Não recebia nenhum pagamento em dinheiro, mas ganhou uma raquete velha com a qual começou o seu aprendizado do esporte. Como não tinha com quem jogar tênis optou por lutar boxe e através deste esporte teve oportunidade de ir às olimpíadas de Helsinque e Londres. Estas viagens e as precárias condições sociais no Irã estimularam a ida de Mike para os Estados Unidos, país que ele entende que poderia fazer uma carreira lutando boxe. Chegando aos Estados Unidos começou trabalhando como ascensorista de dia e lutando a noite. Evoluiu e ganhou espaço no boxe, mas foge de uma luta marcada para o Madison Square Garden e acaba com a sua carreira no boxe. Observa que a oportunidade de fazer fortuna praticando esportes é grande na sociedade americana e assim orienta os filhos neste sentido. Com os três mais velhos não deu certo porque as crianças não responderam bem ao “método” de treinamento do pai, mas funcionou com Andre.

3.1.2 Rafael Nadal

Rafael Nadal, tenista espanhol multcampeão, tendo conquistados todos os torneios profissionais relevantes no mundo do tênis, tem seu núcleo familiar primário composto por seus pais e sua irmã. Seus tios, todos com carreira no esporte, embora não façam parte deste núcleo primário, também desempenharam relevante papel na formação de Rafael. Os tios esportistas são Toni, que jogou tênis profissionalmente antes de se tornar técnico; Rafael, que jogou futebol em Maiorca durante vários anos; e Miguel Ángel, que chegou ao topo no futebol, tendo jogado no Maiorca, Barcelona e na seleção espanhola, pela qual disputou as copas do mundo de 1994, 1998 e 2002. Rafael que é natural de Manacor, Ilhas Baleares, começou a jogar tênis aos 4 anos de idade no clube de tênis da cidade. O clube ficava em frente ao apartamento que Rafael morava, bastando apenas atravessar a rua para se deslocar até as suas instalações esportivas. Seu tio Toni, que já havia deixado o tênis profissional e era

técnico residente no clube, foi seu professor nessa época e o acompanha como técnico até os dias de hoje. A partir dos 13 anos, momento em que percebe que seu futuro estava no tênis, passou a treinar sozinho com o tio sem compartilhar os treinamentos com os outros colegas. Rafael gostava muito de jogar futebol e também treinava futebol em uma equipe local, tendo mais tarde optado pelo tênis.

Rafael Nadal: Toni não dava descanso. Depois que comecei a participar de competições, aos 7 anos, ele passou a me cobrar ainda mais. Em um dia muito quente, me esqueci de levar minha garrafa d'água para a partida. Ele poderia ter ido comprar uma para mim, mas não fez isso. E explicou que me deixaria sem água para que eu aprendesse a ser responsável [...] (p. 34).

A família de Rafael Nadal gozava de boa situação financeira, e era proprietária de uma vidraçaria na Ilha de Manacor e também tinham negócios no ramo imobiliário com o serviço de corretagem de imóveis. Rafael declara que tem na figura de Sebastian, seu pai e administrador um referência central. Sebastian administrou a carreira esportiva do irmão Miguel Ángel e administra a vida financeira de Rafael. Liberou o irmão Toni, que é seu sócio, dos negócios familiares, para que este cuidasse tão somente a vida esportiva de Rafael. Observemos que o projeto familiar da carreira esportiva está estruturado, mesmo no caso de uma família com recursos financeiros confortáveis para sobrevivência com abundância e tranquilidade.

O primeiro resultado importante de Rafael no tênis aconteceu quando o menino tinha 8 anos de idade e ganhou o campeonato sub-12 da Ilhas Baleares. Para Rafael esta é uma das maiores vitórias de sua carreira por conta da diferença de idade entre ele e seus adversários. Aqui podemos observar que a biografia de Rafael busca nessa reconstrução, marcar a evidência que legitimaria seu projeto esportivo para todos os envolvidos na família. Na final desta competição, que aconteceu em Ibiza, umas 50 pessoas assistiram a vitória de Rafael, sua maioria parentes. Esta vitória foi importante, pois trouxe ímpeto às realizações seguintes de Rafael no mundo do tênis.

Com 11 anos, Rafael fazia parte da seleção juniores de futebol das Ilhas Baleares, no tênis era campeão da categoria sub-12 e finalista na sub-14. Além de todas essas demandas esportivas, ainda tinha que cuidar da vida na escola, segundo palavras de sua mãe. Escolhas eram necessárias naquele momento. A escola tinha que ser mantida por obrigatoriedade de lei e também pela posição e capital cultural da família, mas sua mãe era intransigente quando se tratava da trajetória escolar. Diante das

demandas da escola representadas, Rafael foi obrigado a afastar-se do futebol como atleta de competição.

Rafael Nadal: Uma escolha precisava ser feita e não havia como negar os fatos. Eu devia me dedicar ao tênis. Não me arrependo, fiz a escolha certa e não sou de ficar remoendo coisas que não posso mudar. Acho que, já naquela época, entendi tudo isso muito bem. Há um vídeo no YouTube no qual apareço sendo entrevistado pela TV espanhola após ter vencido meu primeiro campeonato nacional sub-14. Depois de explicar que eu treinava todo dia das quatro da tarde às oito da noite, eu digo: “Gosto de futebol, mas é só diversão”.

Eu não tinha nem 12 anos e já tinha uma carreira (p. 61).

A noção de dupla carreira e de projeto familiar estão nesses recortes e em outras passagens do livro reconstruídas de modo a trajetória de Rafael indica como a família se estruturou a partir desse projeto. Devemos observar que a família tinha uma história de sucesso no campo esportivo e isso torna a construção do projeto e das escolhas sempre mais fácil. Além disso, não podemos esquecer que a Espanha na formação de Nadal já era um país que tinha fornecido ao mercado do tênis excelentes tenistas com renome internacional, esse elemento da realidade auxilia de sobremaneira que os projetos e carreiras se estruturam a partir das experiências de pregressas de sucesso.

3.1.3 Guga

O caso brasileiro de sucesso no tênis difere um pouco do contexto dos tenistas anteriores, pois, no Brasil até a era Guga os tenistas de sucesso antes de sua época não chegaram ao topo do tênis mundial. O melhor classificado no Ranking de simples no mundo tinha sido Thomaz Kock, 24º. do ranking em 1974. Gustavo Kuerten ao construir seu projeto no tênis não tinha no contexto brasileiro o exemplo de atletas que chegaram ao topo, embora parte destes tenham conquistado relativo sucesso no mundo do tênis e internamente.

A biografia de Guga cita também o vínculo familiar com o esporte escolhido. O irmão mais velho de Gustavo Kuerten, Rafael, jogava tênis e este fato levou Guga a buscar este esporte. Queria fazer tudo que seu irmão, três anos mais velho, fazia. Assim aos cinco anos pegava a raquete do seu irmão e tentava rebater algumas bolas, o que não

conseguia fazer por conta do peso grande das raquetes de madeira daquela época e a falta de força física. Aos seis anos Guga deu um passo à frente na tentativa de ser igual, e quem sabe ainda melhor que seu irmão, e se inscreveu na escolinha de tênis do Lagoa Iate Clube – LIC. Guga permaneceu nesta escolinha até os dez anos de idade, neste momento a Associação Esportiva e Social de Florianópolis (ASTEL) montou uma equipe infantil de tênis e Guga foi participar deste grupo passando a ser treinado por Carlos Alves, treinador que era a referência do esporte em Santa Catarina.

Neste momento, Guga começa a ter também como referência o pai, Aldo Amadeu Kuerten, que tinha grande talento esportivo, conseguindo jogar bem qualquer modalidade, desde a bocha até o futebol. Aldo foi campeão catarinense de basquete, o que o levou a seleção do seu estado, mais tarde deu aulas deste esporte num clube da cidade. Por influência da mãe de Guga, Alice, que já jogava Tênis na ASTEL, Aldo se encanta pelo esporte no qual passa a fazer resultados também. Jogador do tipo “encrenqueiro” não se acanhava em brigar por um ponto mesmo após este ter sido concluído na quadra. Este estilo fascinava Guga, que tinha certeza que seu pai não perderia nem para McEnroe. Rafael Kuerten era um jogador elegante, eminentemente técnico, sabia o que fazer na quadra, mas faltava a gana de vencer que sobrava ao pai. Ultracompetitivo, Aldo, mais do que gostar de ganhar não aceitava perder, brigava por cada ponto e ao perceber que o adversário estava perto de fechar um set virava um leão. Mesmo sem perceber, Guga tinha ali uma fórmula vencedora, somando a técnica do irmão com a gana de vencer do pai. Rafael Kuerten ganhava algum dinheiro no tênis encordoando raquetes e dando aula aos mais jovens. Embora gostasse muito do esporte não achava que seu futuro estivesse nas competições deste jogo. Aos 17 anos entrou na faculdade de Ciências da Computação, onde se formou. Ao começar o curso superior parou de competir, mas continuou dando aulas de tênis. Guga não entendia esta decisão, uma vez que o irmão gostava muito de tênis, mais tarde Rafael conseguiria juntar sua paixão pelos números e pelo tênis, atuando como administrador da carreira do irmão. Antes de Alice ter sido vice-campeã catarinense de tênis, sua mãe Olga, de quem herdou o gosto por esportes, tinha sido jogadora de voleibol. Alice era uma talentosa jogadora de tênis que começou a praticar na Sociedade Esportiva Bandeirante em Brusque quando ainda estava no colégio. Seu instrutor dizia que poderia fazer resultados em nível nacional, mas para tal precisava reforçar a

musculatura do braço esquerdo que era muito mais fraca que a do braço direito e também corrigir um problema de postura. Para tal, sugeriu que Alice praticasse um esporte em que usasse os dois braços. Escolheu o voleibol seguindo os passos da mãe, mas os resultados não foram os esperados. Trocou o vôlei pelo basquete. Com 15 anos se inscreveu num curso dado por um jovem talento no mesmo clube em que jogava tênis. Aldo Kuerten começou a jogar basquete aos 12 anos e foi campeão estadual. Aos 21 anos de idade jogou um torneio em Brusque e foi convidado a jogar no time da cidade. Filho de um dentista prático que também fez carreira na política, Aldo aceitou o convite para ficar em Brusque onde, além de jogar basquete, trabalhava no Departamento de Estradas de Rodagens, nos fins de semana ensinava basquete aos meninos e meninas da Sociedade Esportiva Bandeirante.

Gustavo Kuerten: Nos treinos, entre um arremesso e outro, Alice se encantou pelo professor e vice-versa. Seis anos mais velho do que a mãe, com mais de 1,80 metro de altura, magro, forte, desenvolto, espirituoso e com fama de namorador, Aldo Kuerten era o galã do clube. Começaram a conversar depois das aulas, tomavam sorvete juntos, perceberam que se afinavam. Passaram a se encontrar em festas, bailes, na igreja ou no cinema, nunca sozinhos. Deram início a um namoro [...] (p. 35).

Aldo morreu aos 41 anos de idade de um ataque cardíaco. Havia casado há 12 anos e tinha três filhos homens, Rafael de 11 anos, Guga de 8 anos e Gui de 5 anos. Tinha certeza que o Guga, pelo estilo aguerrido e a habilidade seria um grande jogador de tênis. Sobre esta certeza Aldo havia conversado com a esposa e amigos. Um dos amigos leva esta conversa ao Guga quando do enterro de seu pai. Tal conversa surpreende a Guga que não sabia que o pai o via com este potencial. Mais tarde a mãe ao ser arguida por Gustavo confirma e disse que na verdade era mais do que uma crença, o pai afirmava ter certeza de que o filho seria um campeão no tênis. Temos mais uma vez a repetição da identificação do potencial como recurso da rememoração que dá sentido as biografias, sejam elas construídas como as aqui tratadas ou reconstruídas pelo pesquisador com seus biografados. A ideologia do potencial, como já dito, tem a função de dar sentido a trajetória e explicar o porquê da insistência e permanência no esporte.

Até os 12 anos Guga queria ser atleta de tênis, futebol e surfe, esportes que ele também praticava, sendo integrante da equipe de futsal da ASTEL. Preferia a quadra de futsal a de tênis e mesmo no horário dos treinos de tênis fugia para a quadra de

futsal, obrigando seu técnico de tênis a ir buscá-lo constantemente para treinar. Alice, Rafael, Carlinhos e mais tarde Larri Passos, acreditavam que Guga poderia fazer grandes resultados no tênis, outros atestadores do potencial surgem para que a profecia continuasse a fazer sentido. Com 12 anos de idade, seu Carlinhos o chama para conversar e lhe diz que ele tinha potencial tanto para o tênis quanto para o futsal, mas que se ele ficasse no meio do caminho não faria sucesso em nenhum dos dois. Guga não sabe o que o fez escolher o tênis, uma vez que o futsal também tinha um forte apelo. Em termos comparativos, o futsal no contexto nacional era um campo esportivo que estava estruturado profissionalmente com clubes e clubes-empresas espalhados na região sul e sudeste. Atletas brasileiros de futsal tinham emigrado para Europa.

Sua rotina previa, horas de treino toda a tarde, primeiro com Carlinhos e depois com Larri. A participação nos torneios locais e regionais com bons resultados foram motivando Guga. Começou a ganhar títulos brasileiros e sul americanos. À medida que fazia resultados no tênis ia se afastando do futsal, até que este esporte e o surfe se tornaram apenas passatempo de fim de semana.

Esse período de definição de qual esporte escolher foi longo, durou uns dois anos e trouxe um novo problema: custear a participação em competições fora do âmbito regional. Era necessário pagar estadia, alimentação, inscrição e deslocamento em cada torneio para o Guga, sem contar com os custos de seu staff. O ideal era viajar acompanhado do técnico, mas os custos da viagem não permitiam esse tipo de apoio. Por muitas vezes, Guga relembra que deixou de participar de torneios por não ter como financiar as despesas. Buscando solucionar esta questão, a mãe de Guga peregrinou em busca de patrocínio por gabinetes de políticos, empresas públicas e privadas, das mais modestas as mais poderosas no mercado. Difícil missão, uma vez que Guga era uma promessa com excelentes resultados, mas a falta de tradição no tênis no Brasil complicava mais ainda a tarefa de conseguir patrocínio. Em 1996, aos 20 anos de idade e já com um currículo forte, Guga era hexacampeão estadual, tri brasileiro, campeão sul-americano em Caracas e ainda campeão mundial por equipe na Sunshine Cup, o financiamento de sua carreira ainda era uma difícil etapa a vencer. A mãe de Guga manda uma carta ao diretor-executivo da filial catarinense da Rede RBS, afiliada da Rede Globo e não obteve resposta, a esta altura as competições que Guga teria que participar na Europa e nos Estados Unidos se tornava quase

impossível pelos altos custos dessas viagens. Como as contas não fechavam, e a essa altura já não se discutia que a carreira esportiva de Guga deveria continuar, a saída foi vender bens da família. Primeiro venderam uma moto que tinha sido recebida como pagamento de um trabalho feito ainda pelo pai. Depois foram as joias da mãe, na sequência o carro e o piano da avó de Guga que estava na família entre os bens de família. Com todas as posses de valor vendidas restou a casa da família, um bem que a mãe não hesitou em colocá-la à venda. Essa dimensão da lembrança presente na biografia de Guga indica os esforços de uma família que transforma a aposta num dos membros em projeto familiar. A casa não foi vendida porque em outubro de 1991, a Sadia resolve patrocinar o jovem atleta. Primeiro com um contrato de três meses que foi renovado no ano seguinte. Após ganhar Roland Garros pela primeira vez em 1997, as portas dos patrocinadores se abrem definitivamente.

Gustavo Kuerten: Para quem estava prestes a vender a casa para financiar um sonho, isso era nadar em dinheiro e ainda ter bolinha nova para treino, uma raridade para nós. A mãe não precisava mais tirar um tostão do bolso para bancar minhas viagens para participar de torneios. Não sobrava um dólar de economia, mas técnico, quadra, meias, calção, camiseta, ônibus, avião, água, refrigerante, hotel, café da manhã, almoço, lanchinho da tarde, jantar, bolacha da madrugada, tudo cabia nos novos patrocínios. Num dia a gente estava pedindo esmola e no outro podia planejar adequadamente o meu futuro. Com isso, sem me preocupar com dinheiro, eu tinha tranquilidade para só jogar tênis. Agora estava na minha mão. Tudo dependia só de mim (p. 112).

Essas dificuldades narradas por Guga e seu biógrafo indicam como o campo do tênis estava na época precariamente estruturado, fato que não gerava poucas oportunidades de construir uma carreira internacional no esporte. Poderíamos pensar que o sucesso de Guga desmentiu as probabilidades, todavia, para uma empresa arriscar seu nome e algum dinheiro na carreira de um atleta não era algo que estava fora do mercado esportivo brasileiro. Muitos atletas em sua época eram financiados individualmente e coletivamente. Esta estrutura permitiu que Guga, mesmo com a série de dificuldades narradas, conseguisse seu primeiro patrocínio que faria sua carreira deslanchar no circuito internacional do tênis.

3.1.4 Sócrates

Até aqui tomamos três casos do tênis como campo esportivo. Passemos a um personagem de uma geração mais afastada e que construiu sua carreira no futebol brasileiro. O médico Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira foi meio-campista do Raio de Ouro, Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto, Sport Club Corinthians Paulista, Clube de Regatas Flamengo, Santos Futebol Clube, Associazione Calcio Firenze Fiorentina, Associação Desportiva Cabofriense e seleção brasileira. Sua carreira foi construída no sentido oposto à do tenista Andre Agassi, não no que diz respeito a resultados esportivos, mas sim quando falamos do projeto familiar.

Seu pai, Raimundo de Oliveira, era fiscal da receita federal. Ao chegar a Ribeirão Preto/SP, vindo do Piauí transferido pelo Ministério da Fazenda, matriculou seus filhos no Colégio Marista, instituição de ensino que atendia a elite da cidade e tinha grande exigência acadêmica. Em 1969, aos 15 anos e com seu futebol já conhecido na região, foi levado as categorias de base do Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto. Neste momento seu Raimundo deixa bastante claro que a prioridade de Sócrates deveria ser a escola e que só assinaria um contrato profissional de futebol depois de formado em nível superior. Em 1972, joga sua primeira partida profissional pelo Botafogo de Ribeirão Preto. Neste ano, Sócrates já era aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e só foi autorizado pelo pai a viajar para jogar fora do estado (Mato Grosso) porque era o mês de julho e das férias na faculdade. Jogou várias vezes no time profissional ainda sem vínculo contratual com o clube, nem mesmo as propostas de salários acima da média dos outros jogadores do clube mudaram a decisão de seu Raimundo de manter a prioridade da formação universitária de seu filho. Em 1974, o clube consegue registrar o primeiro contrato profissional de Sócrates junto à Federação Paulista, mas mesmo assim a condição de seu pai era de que a prioridade fosse os estudos, assim Sócrates não treinava durante a semana para comparecer as aulas.

Biografo: No Botafogo, a pressão era grande para que Sócrates enfim se dedicasse apenas ao futebol após o curso de medicina. Seu Raimundo, por sua vez, achava que o filho deveria pedir uma licença no clube, concluir a residência médica e, já como especialista, tomar uma decisão definitiva sobre seu futuro profissional. A residência começaria em fevereiro de 1978, exatamente no dia em que se encerrava o vínculo contratual com o Botafogo (seu Raimundo não dava ponto sem nó) [...] (p. 35).

Sócrates foi um jogador bem-sucedido na carreira do futebol e não tão bem-sucedido na carreira de médico após sua carreira esportiva. A reconversão profissional é tremendamente difícil, mesmo para aqueles que possuem formação esportiva. Não se pode imputar seu retorno à medicina por algum problema de formação, mas sobretudo pelo afastamento da área por mais de 20 anos. O que devemos marcar é que o projeto familiar de Sócrates colocava à escola como principal tarefa formativa desse personagem. Sócrates fazia parte disso que se nomeia de famílias educógenas (CASTRO, 1976), seu Raimundo era um voraz leitor dos filósofos gregos e de outros clássicos que Sócrates, em algumas oportunidades, fez questão de lembrar para explicar a origem dos nomes de seus irmãos, Sóstenes e Sófocles, era um elogio aos grandes pensadores. Sócrates, como jogador foi engajado politicamente, também citou em certa ocasião que lembra de seu pai queimando livros após o golpe de 1964.

O projeto da carreira esportiva de Sócrates se construiu na sombra do projeto de escolarização organizado por sua família, no contexto do mercado esportivo da época, ainda mais para um jovem do interior do estado de São Paulo, a carreira do futebol, apresentava muitos riscos para obter o sucesso. O pai de Sócrates tinha investido numa escola privada e forte academicamente, assim o projeto de ser médico era um caminho das elites brasileiras. Não só pelo prestígio quanto também pela garantia de boa remuneração assegurada por essa carreira naquela época e, de certa forma, ainda hoje.

3.2 Escola

3.2.1 Agassi

A escola foi uma experiência negativa para Agassi, foi o local do desajuste e de sua constante apatia e insatisfação. Ações cotidianas, como a leitura de um livro, não eram do agrado do tenista porque lembravam as tarefas escolares. Toda vez que ele não entendia alguma coisa, ele relata que sentia o sentimento que tinha nos bancos escolares. Um teste de QI mostra que o resultado de Agassi estava no mesmo nível dos demais alunos do seu grupo de estudantes, e os profissionais concluíram que o que faltava a Agassi era dedicação aos estudos. Agassi lembra em sua biografia

que a escola não poderia ser atendida em suas demandas em função das pressões geradas pela carreira no tênis.

No meio do sétimo ano no sistema escolar americano⁷, o que equivale ao 7º ano do sistema escolar do Brasil, os pais de Agassi decidem que ele deve se mudar para Flórida para integrar a Nick Bollettieri Tennis Academy (NBTA). Tal decisão dos pais acontece a partir da descoberta da referida escola de tênis ao assistirem um programa de televisão. Neste momento, Agassi, aos 13 anos, descobre que não tinha mais adversário na sua cidade, Las Vegas no estado de Nevada. Para continuar crescendo seu desempenho como atleta ele precisava buscar desafios maiores, o que justificaria o investimento numa escola de tênis e numa escola regular. O custo da NBTA era de 12 mil dólares por ano e os pais de Andre não dispunham desta quantia. A proposta inicial dos pais a Andre era a de que ele ficasse na escola por 3 meses. Esse era o investimento possível a ser realizado naquele momento para melhorar sua técnica junto ao treinador que havia treinado grandes atletas do tênis (Marcelo Ríos, Boris Becker, Jim Courier, Martina Hingis, Monica Seles). Gabriel, um dos treinadores da NBTA, que Andre chamava como “um dos capangas de Nick”, chama Nick para ver o novo aluno jogar. Após vê-lo jogar, Nick ligou imediatamente para Mike, pai de Agassi, e afirmou que Andre teria um futuro brilhante no Tênis e que era, certamente, um dos melhores alunos que já havia passado pela NBTA. Mike argumenta que não poderia pagar nada além dos 3 meses, mesmo satisfeito com essa avaliação, mas Nick propõe isenção de pagamento para Agassi lhe concedendo uma bolsa a partir daquele momento.

Quando Agassi entrou na NBTA sua rotina passou a ser a seguinte. Na parte da manhã Agassi ia para a escola estudar durante 4 horas e meia na Academia Bradenton⁸, que ficava a uma distância de 26 minutos de ônibus da Bollettieri Academy. A rotina de Andre passa a ser a de acordar as seis e meia da manhã, tomar café e fazer sua higiene pessoal em 30 minutos e, depois, seguir para escola. Ao meio dia volta para a Bollettieri Academy e tem meia hora para almoçar. Após o almoço, treinava até o sol se pôr, descansava por meia hora, jantava e tinha um par de horas para as tarefas escolares. Após essa cansativa rotina tinha um pequeno tempo para

⁷ O sistema escolar está assim organizado: pre-school, elementary do 1º ao 5º ano, middle school do 6º ao 8º ano e high school do 9º ao 12º.

⁸ Costa oeste da Flórida, perto de Tampa Bay

a diversão no centro de lazer. Às 22 horas era o momento dos alunos se recolherem aos aposentos.

Ainda no primeiro ano, com 14 anos, Andre conseguiu convencer Nick Bollettieri a inscrevê-lo em grandes torneios para sua idade. Também passou, a partir do prestígio que acumulava com seu novo tutor em função do desempenho nas quadras, a negociar uma outra forma de cumprir a tarefa da escolarização. Com anuência de seus pais e de Nick, conseguiu transferir-se para uma escola de ensino à distância. Com isso, Andre deixa de frequentar a escola regular que exigia presença física. A imagem que descreve da escola que frequentava, a Academia Bradenton, era seguinte:

Andre Agassi: Na Bradenton o piso é desgastado, os tapetes sujos e as paredes exibem cerca de catorze tons diferentes de cinza. Não há uma única janela, então a luz é fluorescente, e o ar parado, temperado com uma mistura de cheiros ruins, sobretudo vômito, dejetos e medo. É quase pior do que o fedor de laranja queimada da Bollettieri Academy (p. 69).

Academia Bradenton, atendia também a alunos moradores da cidade, que só estudavam, não se encontrando em um regime de dupla carreira como os alunos da NBTA. Segundo Agassi, estes estudantes que se dedicavam somente a carreira escolar tinham rotina tranquila por não precisarem equilibrar a vida escolar com a carreira de esportista semiprofissional e, conseqüentemente, conseguiam ter bom desempenho escolar. A rotina destes alunos comuns terminava com a jornada de sete horas na Academia Bradenton. Após a escola rumavam para casa, encontravam a família e assistiam televisão. Para estes alunos a escola era mais eficiente. No caso dos alunos em dupla carreira existia um sistema especial, com carga horária de quatro horas e meia diárias, e a impossibilidade de reprovação como uma regra tácita, não oficial. Este sistema, segundo Agassi, produzia péssimos estudantes enquanto formava ótimos tenistas. Este fato somados as dificuldades em lidar com as tarefas e normas escolares e ao progressivo sucesso que obtinha no tênis, possibilitou que Agassi abandonasse a escola.

O pai de Agassi, Mike, sempre achou a escola uma perda de tempo e lamentava o tempo que seu filho "desperdiçava" lá. Com 14 anos, próximo a uma reprovação escolar, Andre consegue, como já dito, a permissão da família e da NBTA para abandonar a Academia Bradenton e passar a estudar por correspondência para

concluir o ensino fundamental (Middle School). Sua mãe o matricula no curso, realiza as atividades escolares pelo Agassi e consegue para o filho um diploma do middle school, que é o equivalente ao curso fundamental no Brasil. Desde dessa época, Agassi nunca mais precisou frequentar os bancos escolares. Observemos a relação de Agassi com a escola:

Andre Agassi: Não gosto de nada que é manipulado assim, por isso nem me esforço. Não estudo. Não faço as tarefas. Não presto atenção. E não estou nem um pouco preocupado. Nas aulas, sento quieto na minha carteira, olhando para os meus pés, desejando estar em outro lugar, enquanto os professores discorrem sobre Shakespeare, Bunker Hill ou o teorema de Pitágoras. Os professores não se incomodam com a minha indiferença porque sou um dos Garotos de Nick e eles não querem problemas com o cara. A Academia Bradenton existe porque a Bollettieri não para de mandar ônibus cheios de alunos pagantes a cada semestre. Os professores sabem que seu emprego depende de Nick e por isso não podem nos reprovar, o que nos garante um status especial. Nós temos a impressão de gozar de certa "carta branca", sem perceber que a coisa que mais nos é devida - uma educação - é o que menos recebemos ali (p.69).

Andre Agassi estava vinculado a Associação de Tenistas Profissionais dos Estados Unidos da América (USPTA), como esta organização não se organiza a partir da escola, como a NFHS, coube a ele lidar com a conciliação entre as duas carreiras. Para poder participar de um torneio em que foi inscrito pela NBTA, Andre estava ausente quando da aplicação de uma prova de História, pensou ter se livrado da prova, para qual não estava pronto, mas como era aluno em situação de dupla carreira, a Academia Bradenton, que assumia a parte acadêmica dos alunos da NBTA, ofereceu a Andre uma nova avaliação quando este retornou do torneio⁹.

Observamos que nos Estados Unidos da América o estudante atleta tem a opção de concluir seus estudos optando por estudar por correspondência, não existe naquele país a obrigatoriedade de frequentar a escola para realizar o processo de escolarização básica. Essa possibilidade amplia o leque de oportunidades dos jovens que optam por praticar esporte de alto-rendimento no mesmo momento que estão em processo de escolarização. Eles podem administrar o tempo gasto com as demandas

⁹ Podemos verificar a mesma situação ao analisarmos a biografia do surfista Kelly Slater. Enquanto esteve na escola, Kelly Slater só pode competir em ligas americanas amadoras como a Eastern Surfing Association (ESA) e depois na National Scholastic Surfing Association (NSSA), embora tivesse nível esportivo para competir na World Surf League (WSL). Competir nestas ligas americanas amadoras era possível porque as mesmas adequavam seus calendários aos calendários escolares. Só passou a liga profissional do surf mundial uma vez terminada sua educação básica no High School (Equivalente ao Ensino Médio).

escolares de acordo com as demandas do esporte e assim eleger a prioridade de acordo com as necessidades do momento. No caso brasileiro, em tese, esta possibilidade não existe, assim quando um estudante, da educação básica, faz a opção pela carreira esportiva não fica isento de frequentar a escola, pois, ela é obrigatória até os 17 anos. Assim este estudante atleta terá que buscar conciliar as duas carreiras contando com a colaboração dos técnicos, treinadores, preparadores físicos, dirigentes esportivos e dos professores, coordenadores e diretores que atuam na instituição escolar.

Antes mesmo de abandonar as quadras profissionalmente, Agassi começou a pensar numa maneira de ajudar a comunidade de sua cidade natal, Las Vegas, e reconciliar-se com seu total afastamento que teve da vida escolar. Agassi apresenta uma reflexão sobre sua trajetória, em vários momentos do livro, que indicam as lacunas que sente e sentiu por ter rejeitado o projeto de escolarização. Em 1997 cria através da sua fundação, a Andre Agassi Charitable Foundation, um abrigo para amparar crianças que estavam sob custódia dos tribunais por terem sofrido maus tratos ou por terem sido abandonadas.

Andre Agassi: A única ocasião em que quebro o ritmo do meu treinamento é para me reunir com Perry e traçar as bases para a minha fundação de caridade. Foi a esse respeito que conversamos faz quinze anos, dois adolescentes idealistas com a boca cheia de biscoito recheado com sorvete. Queríamos atingir um estágio a partir do qual pudéssemos retribuir, e finalmente chegamos a ele [...] (p. 218).

Esse projeto foi o embrião não planejado de um projeto muito maior. Esta estrutura ora modesta foi aumentando, a fundação compra uma construção caindo aos pedaços com 205 mil metros quadrados que após reformada passa a se chamar Boys and Girls Club. Contava com laboratórios de computação, lanchonete, biblioteca e quadra de tênis. Andre costumava passar seu tempo livre na instituição dando atenção às crianças. Determinado dia relembra que um dia conversando com o administrador, o senhor Stan, perguntou como poderia ajudar a estas crianças de forma mais eficientes. O administrador respondeu que era necessário ocupar mais tempo da vida destas crianças. Na verdade, o ideal, teria relatado o administrador, seria ocupar o dia inteiro. Assim, após conversar com Perry, seu consultor, resolvem que a partir daquele momento a tarefa da sua fundação seria educação.

A escola não foi um espaço de conforto para o tenista, acadêmica e socialmente, e suas dificuldades ali foram muito grandes a ponto de abandoná-la. Andre custou a reconhecer o seu valor. Se formou dentro do tênis e demorou a reconhecer a escola como um importante espaço de formação. O episódio a seguir, um entre tantos lembrados, revela a importância dada por Andre à formação nos bancos escolares ou universitários.

Andre Agassi: A principal virtude de Frankie é o jeito como fala dos filhos [...] uma noite, me diz que os filhos ainda estão na escola primária, mas ele já está preocupado com a faculdade. Ele geme com o preço da educação superior. Frankie não sabe como vai chegar lá.

Dias mais tarde converso com Perry e peço-lhe para colocar um lote de ações da Nike em nome de Frankie. Na vez seguinte em que Brooke e eu passamos pelo Campagnola, conto isso a Frankie. As ações não podem ser tocadas durante dez anos, digo, mas, a essa altura, devem valer o suficiente para aliviar a carga da matrícula.

O lábio inferior de Frankie treme. Andre, diz ele, não posso acreditar que você tenha feito isso por mim.

Seu olhar é de choque total. Eu não entendia o significado e o valor da educação, o sacrifício e o estresse que representam para a maioria dos pais e filhos. Nunca pensei em educação sob esse prisma. A escola era sempre um lugar do qual eu dava um jeito de fugir, não uma coisa valiosa. Dar aquelas ações foi simplesmente uma coisa que fiz porque Frankie especificamente mencionou a faculdade, e eu queria ajudar. Quando eu vi o que significava para ele, no entanto, fui eu quem se sentiu instruído (p. 194).

Segue seu projeto de investir em educação com a busca de um terreno para a construção do campus e decidem por um espaço de 33 mil metros quadrados no pior bairro de West Las Vegas. No mesmo programa de televisão que seus pais anos atrás tomaram conhecimento da NBTA, agora Andre e Perry, seu consultor, tomam conhecimento das escolas Charter e percebem ali a oportunidade de implantar o projeto de educação que idealizavam. Tal esforço demarca a importância que ao longo do tempo Andre Agassi passa a dar a escola e seu papel dentro do processo de educação. Andre diz que de todas as suas contradições esta é a mais estranha e mais envolvente, uma vez que inspira um homem, que foi um garoto que abandonou a escola e temeu a escola, a desenvolver importante projeto escolar. A inauguração acontece em 2001 e Andre Agassi não pode comparecer porque naquele mesmo tempo estava jogando o Aberto dos Estados Unidos. Participar de competições agora se tornou mais relevante, o dinheiro ganho, segundo ele, também teria passado a financiar o seu projeto de educação.

Andre Agassi: [...] conferencio outra vez com Perry¹⁰ e chegamos à ideia de acrescentar educação ao nosso trabalho. Aí resolvemos fazer da educação nossa tarefa. Mas como? Durante um tempo curto pensamos em abrir uma escola particular, mas os obstáculos burocráticos e financeiros são demais. Por sorte acompanho uma história em 60 Minutes sobre charter schools, e esse é o momento da eureka. Essas escolas são financiadas em parte pelo Estado, e em parte por fundos particulares. O desafio é levantar os recursos, mas o benefício está em manter o controle total da instituição. Com uma escola dessas, poderíamos fazer as coisas do jeito que quiséssemos. Teríamos a liberdade de construir algo único. Especial. E, se funcionar, pode se alastrar como fogo no mato. Pode passar a ser um modelo para escolas do mesmo perfil, pelo país inteiro. Pode mudar a educação que conhecemos até agora (p. 219).

Andre Agassi não conseguiu conciliar esporte e escola, não por uma questão de tempo para ajustar todas as demandas criadas pelas duas instituições, mas sim por total desacordo e desânimo com sua experiência escolar e por sua família não ter a escolarização como um valor. Também descreve e avalia que não foi capaz de conciliar casamento e esporte. Enquanto foi casado com Brooke Shields sua carreira esportiva enfrentou seu momento mais adverso. O tenista deixou de dedicar o tempo necessário aos treinamentos na intensidade que jogar neste nível requer.

O caminhar do seu projeto de escola traz uma nova dinâmica a sua vida e passa a frequentar seu projeto no seu tempo livre, coisa nunca imaginada em tempos anteriores por sua relação com a escola. O Andre Agassi College Preparatory Academy – Agassi Prep foi inaugurado em 2001 com turmas, no equivalente no Brasil, do terceiro ao quinto ano do fundamental. A escola preparatória para faculdade tem ampliado a cada ano e é agora uma escola K-12, ou seja, tem turmas (no equivalente no sistema escolar brasileiro) da pré-escola ao terceiro ano do ensino médio, tendo sua aula inaugural acontecido em junho de 2009. Agassi Prep foi concebido a partir da crença de Andre, que nada tem um impacto maior na vida das crianças do que a educação que recebem. Logo no início, Andre e seus associados concluem que a melhor maneira de mudar uma vida de criança era através da educação.

As escolas charter devem ter instalações próprias, então a Fundação Andre Agassi para a Educação se tornou uma potência na arrecadação de fundos para a construção

¹⁰ Perry Rogers é um amigo de infância de Andre, se conheceram quando Andre tinha 11 anos. Quando Perry cursava o segundo ano do curso de direito, André estava precisando de um administrador para suas finanças e carreira. Neste momento Andre convida Perry para assumir esta função e de pronto é atendido. Assim, a partir deste momento, Perry acumula as funções de grande amigo, agente e administrador.

do campus da escola que custou 40 milhões de dólares. Agassi Prep está localizada em West Las Vegas, uma das áreas mais economicamente desafiadas da cidade. Os estudantes que frequentam o Agassi Prep são selecionados por um sistema de sorteio público com base em computador. É dada preferência a crianças que vivem em um raio de 3 km da escola, que é um bairro de baixa renda. Não há exames de admissão ou taxas para que os alunos se matriculem ou pagamento de mensalidades durante o curso. Os alunos e os pais são obrigados a assinar um código de excelência comprometendo-se a cumprir as exigências da escola, incluindo as horas de serviço comunitário.

Agassi Prep foi avaliada como uma escola modelo nacional pelo departamento de educação dos EUA em 2003. Em 2005, a escola recebeu uma designação "exemplar" do Departamento de Educação do Estado de Nevada. Em nenhum momento ao planejar a sua escola, Andre Agassi pensou na construção de um projeto que pudesse de alguma forma contribuir para a formação de jovens que estivessem abraçando junto com a carreira escolar a carreira de atleta. Sua experiência não mostrou ser esta uma escola comprometida com a educação, e com os objetivos que esta deve ter para preparar jovens para uma vida melhor e comprometidos na construção de um mundo melhor.

3.2.2 Nadal

Assim como Andre Agassi, Rafael Nadal o mais importante tenista da história espanhola até os dias de hoje, uma vez que já ocupou o primeiro lugar do ranking da ATP por 141 semanas e hoje ocupa a quinta posição, também não se sentia à vontade e feliz na escola. Aos 4 anos de idade começou a treinar tênis e pouco tempo depois, mas ainda na mesma idade, começou a treinar futebol. Até os 11 anos de idade, Rafael treinou e competiu no tênis e no futebol, tendo obtido resultados importantes nas duas modalidades. Nesta idade entende que não poderia avançar com desempenho de alto nível nas duas modalidades e então escolhe o tênis. Durante todo este tempo Rafael conciliou suas tarefas esportivas com as tarefas da escola. Vendo seu filho muito dedicado aos esportes a mãe de Rafael, que acompanhava as

competições do filho, sempre observava que além dos esportes ele deveria se dedicar à escola.

Aos 14 anos Rafael recebe uma oferta de bolsa de estudos do Centro de Alto Desempenho em San Cugat, em Barcelona, uma das melhores academias de Tênis profissional da Europa. Esta excelente oferta foi recusada porque a família de Rafael entendia que, era melhor tê-lo estudando em uma escola regular de Manacor e morando em casa para manter as referências da educação fornecida pelos seus pais do que ser afastado do convívio de seus pares. Seu tio Toni, pessoa responsável pela sua formação esportiva pensava ao contrário.

Rafael Nadal: [...] Como podíamos escolher, afinal nossa situação financeira era suficientemente boa e não precisávamos da bolsa de estudos, eles disseram o seguinte: “Ele está se saindo muito bem com Toni e, além disso, que lugar é melhor para um garoto do que o próprio lar? ” Eles não se preocupavam tanto com meu treinamento esportivo, mas com o fato de que, sozinho em Barcelona, sem a família, eu perdesse minhas referências. Não queriam que eu me tornasse um adolescente problemático. Para eles, evitar uma situação desse tipo era mais importante do que ter uma carreira de sucesso no tênis (p. 64).

Aos 15 anos os pais de Rafael decidem matriculá-lo na Escola Baleárica de Esportes, um internato em Palma. Entendem que esta escolha seria a melhor escolha para o momento. No passado esta tinha sido a escolha feita para Sebastian o pai de Rafael, e também para Toni seu tio e formador esportivo. Essa escolha foi feita porque a escola, além de ficar a uma hora de carro da casa dos pais de Rafael, oferece todo ensino regular e também de forma bastante intensa, os treinamentos de tênis. Rafael não estava feliz nesta escola e seus pais ficaram preocupados. Sua mãe principalmente achava que os intensos treinamentos de tênis estavam atrapalhando os estudos do adolescente, por outro lado, Rafael, achava que os estudos estavam atrapalhando seu desenvolvimento esportivo. Os pais então, o impedem de participar dos torneios Junior de Wimbledon e Roland Garros. Rafael reclama com a mãe, ressaltando a importância dos torneios que seriam perdidos, mas esta observa que outras oportunidades surgirão mais adiante. Para os pais, neste momento, o mais importante era a conclusão dos estudos de formação básica de Rafael. O que de fato aconteceu.

Rafael Nadal: [...] os horários eram muito puxados. Levantávamos às 7h30, tínhamos aulas das 8h às 11h, depois duas horas e meia de tênis e só então parávamos para almoçar. Em seguida, mais aulas das 15h às 18h e, das 18h às 20h, tênis e preparo físico. Mais tarde, das 21h às 23h, tínhamos de estudar novamente. Era demais. Eu não conseguia fazer nada direito, nem estudar nem jogar tênis. A única coisa boa de que me lembro é que, no fim do dia, eu estava tão exausto que dormia bem. Mas também era bom poder ir para casa nos fins de semana e foi ótimo conseguir as qualificações para terminar os estudos (p. 68).

Sua mãe gostaria que Rafael continuasse os estudos para tentar o ensino superior, e aos 16 matriculou Rafael num curso a distância. Num voo para as Ilhas Canárias Rafael esqueceu todos os livros do curso e neste momento decretou o fim da sua educação acadêmica. A constituição espanhola, em seus artigos 27.1 e 27.4, garantem ensino gratuito a todos os espanhóis, sendo estes obrigados a estar matriculados na escola dos 6 aos 16 anos, para a conclusão do ensino básico.

Rafael Nadal: [...] Acho que não os esqueci de propósito, foi só mais um exemplo de como sou distraído em tudo, menos no tênis. E não me arrependo de ter desistido de ir para a faculdade. Tenho curiosidade em relação ao mundo, gosto de me informar sobre o que está acontecendo e acho que, nos últimos anos, aprendi muitas coisas que a universidade nunca poderia ter me ensinado (p. 69).

3.2.3 Guga

Guga e seu irmão Rafael eram cobrados pelos pais quanto ao seu rendimento escolar. Três vezes por semana, Aldo ia ao clube depois do jantar, os meninos adoravam ir, mas sua ida estava condicionada a conclusão das tarefas da escola determinadas para serem feitas em casa. No período em que estava morando na casa dos pais, Guga ia a escola no período da manhã e treinava a tarde na ASTEL. Em 1989, Guga tinha então 13 anos, a empresa de alimentos CEVAL, situada em Gaspar/SC, aceita uma proposta de Larri Passos e monta uma estrutura para apoiar o tênis desde as categorias de base. Guga aceita o convite a participar do projeto e isso muda sua rotina escolar. Todos os atletas do projeto moram na CEVAL que além de oferecer toda a estrutura de moradia e treinos, matricula todos os estudantes atletas em uma escola pública local. Guga então passa a treinar a técnica do jogo até às 11 horas e 30 minutos. Na parte da tarde os atletas da CEVAL iam para a escola de onde

voltavam no final da tarde para mais uma hora de treinos físicos. Mais à frente Larri se entende com a CEVAL e deixa o projeto, Guga resolve sair também e volta para Florianópolis. Retorna assim sua rotina de estudar pela manhã e treinar à tarde. Neste período a mãe de Guga fez um acordo com a escola nos momentos de ausência da escola por conta de viagens para as competições. Guga deveria ao retornar fazer as avaliações e tirar boas notas, assim suas faltas seriam desconsideradas. Sempre que não estava treinando ou jogando durante as viagens, Guga estudava com a supervisão de Larri, que era mais severo que a mãe, chegando a fazer testes surpresa para avaliar o quanto Guga estava dominando os conteúdos escolares. Sempre lembrava a Guga que era muito importante conseguir bons resultados na escola, sem que as competições do tênis não seriam possíveis.

Gustavo Kuerten: Desde que eu tinha começado a treinar na Ceval, Larri sempre disse que era fundamental ir bem tanto nas quadras quanto na escola, que uma coisa estava ligada à outra, que conhecimento e inteligência só somavam em todas as situações. Mas ali, sozinho comigo na Europa, assumiu para si um pouco da responsabilidade da minha educação, fosse nos livros ou fora deles. Se havia tempo livre, me levava para conhecer a cidade, apresentava os pontos turísticos, contava um pouco da história. Às segundas-feiras, quando a entrada é grátis, me arrastava para algum museu e mostrava os quadros, ensinava quem eram os grandes pintores ou escultores (p. 146).

Em 1993, com 17 anos de idade, Guga deveria fazer as provas do vestibular no mesmo momento que tinha um torneio para jogar na Argentina, já como profissional. Sua mãe sempre quis que os filhos tivessem diploma de curso superior, Rafael Kuerten se formou em Ciências da Computação, e condicionou a participação no torneio ao retorno ao Brasil para as provas de acesso ao curso superior. Embora na época inconfessos à mãe, esses não eram os planos de Guga e Larri, que não retornaram ao Brasil em tempo de realizar os exames. Em 2008, quando já não jogava mais tênis profissionalmente, Guga, que sempre foi um bom aluno, resolve voltar aos estudos. Escolhe o curso de Teatro na Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC -- para o qual passa em quinto lugar. Guga não concluiu o curso parando na metade.

Gustavo Kuerten: Essa foi uma das raras vezes que não acatei uma recomendação da mãe. Perdi as provas do vestibular e a chance de entrar em uma universidade. Ela sempre apoiou minha carreira, mas não tinha necessariamente a mesma visão que eu e Larri. Aos olhos de hoje, fica claro que tomei a decisão certa. Mas ali, na hora, foi o maior tiro no escuro. Arriscamos tudo, mesmo sabendo que o meu futuro no tênis não era

garantido e que, se não desse certo, iam sobrar os puxões de orelha da mãe e da Oma [avó de Guga] (p. 354).

3.2.4 Sócrates

O pai de Andre Agassi não valorizava a escola como já mostramos anteriormente, achava ser um tempo perdido, não dedicado ao tênis. Por outro lado, os pais de Rafael Nadal e Gustavo Kuerten incentivaram seus filhos a estudar enquanto construíam suas carreiras esportivas, ambos concluíram o que corresponde ao ensino médio no Brasil, mas pararam por aí seus estudos, sem grande oposição de seus pais. O caso de Sócrates nos mostra o oposto. Seu pai dava mais valor à vida escolar do que a esportiva e não permitiu que seu filho se tornasse profissional, assinasse um contrato, antes de ter certeza que a carreira escolar estivesse totalmente encaminhada. Embora tenha se formado médico pela Universidade Federal de São Paulo, foi como jogador de futebol que Sócrates ganhou dinheiro profissionalmente. As incursões no campo da medicina, olhando pelo prisma das carreiras, ficaram muito aquém das ações na área esportiva. Em sua biografia não aparecem muitos detalhes sobre a escola. O primeiro relato que temos diz respeito ao curso pré-vestibular Cesar Lattes, onde Sócrates, que tinha 17 anos, estudava para o vestibular de medicina. Em 1972 entrou na faculdade de medicina da USP de Ribeirão Preto, onde concluiria o curso em 1977. Quando seu pai foi transferido para Ribeirão Preto em 1960, procurou a melhor escola da cidade para os filhos estudarem e matriculou os filhos mais velhos no Colégio Marista.

* * *

Temos aqui atletas dos Estados Unidos, Espanha e Brasil, o que apontam para três sistemas diferentes. Nos Estados Unidos temos esporte e escola acontecendo num mesmo sistema, enquanto no Brasil e na Espanha esses sistemas escola e esporte não se falam. Apesar desta diferença a postura dos atletas é a mesma quando podem optar entre continuar a carreira esportiva estudando ou não. No Brasil a matrícula escolar é obrigatória até os 17 anos de idade, na Espanha até os 16 anos de idade e

nos Estados Unidos as crianças não são obrigadas a se matricular na escola, tendo outras opções de formação acadêmica como o homeschooling por exemplo. Os três tenistas optaram por parara de estudar tão logo isso foi possível.

Quando pensamos a conciliação entre esporte e escola olhando a trajetória de atletas deste nível, todos campeões mundiais com um desempenho esportivo muito alto, percebemos que apesar das famílias valorizarem o aprendizado escolar, quando os resultados esportivos falam muito alto e deixam claro que aquela pessoa já tem uma vida profissional definida no esporte, os atletas não hesitam em parar de estudar para se dedicar especificamente a carreira esportiva.

Rocha (2013) observa que um projeto individual acontece baseado na interação entre o indivíduo e o contexto social em que o mesmo está inserido. Um conjunto de possibilidades é analisado e selecionado pelo indivíduo a partir de um conjunto maior que lhe é apresentado, e este busca racionalizar o que tem em mãos e fazer suas escolhas, seu projeto principal. É importante observar que não necessariamente o que se apresenta é do interesse do indivíduo, às vezes é até repulsivo, assim estas possibilidades não fariam parte do projeto. O contrário também acontece e assim inserido no projeto.

Projetar é antecipar uma situação idealizada e possível, elaborando objetivos e estratégias de ação que condizem com a finalidade proposta no seu projeto. O indivíduo não nasce com um projeto de vida estruturado por si (ROCHA, 2012). O projeto inicial para Sócrates, estabelecido por ele e sua família era ser médico, mas o campo de possibilidades apresentado ao indivíduo no desenrolar de sua vida, o conduziu de fato ao futebol profissional.

As carreiras de Andre Agassi, Rafael Nadal, Gustavo Kuerten, Sócrates, e também Mozart são incomparáveis, porque apesar dos três terem resultados de extrema relevância, todo o mais é muito diferente. O que merece destaque para o que buscamos entender é a ação das famílias, especialmente dos pais neste caso. Conforme observa Velho (2003), é nítida a formação de um grupo agindo de forma organizada e coletiva, dividindo crenças e com os mesmos valores. Os pais lograram sucesso naquilo que era seu projeto de vida para o filho, talvez mais o pai de Andre Agassi, pois este planejou para o filho a carreira de tenista profissional e o resultado do seu investimento foi o primeiro lugar no ranking da Associação de Tenistas

Profissionais. O pai de Mozart pensou numa carreira de burguês e cortesão na corte de Salzburg para seu filho, mas este optou por seguir uma carreira independente. Partindo do definido por Velho (2003) como “campo de possibilidades”, e avaliando as alternativas construídas do processo sócio histórico pelo jogador Sócrates, podemos entender porque este não abraçou a medicina ao concluir o curso na USP. Ainda em Velho (2003) observamos que projeto individual lida, entre outras nuances, com as opções baseadas em avaliações e a realidade do momento vivido. Assim podemos entender porque o planejamento do pai de Sócrates para seu filho, a carreira de médico, de verdade nunca aconteceu, pois, apesar de seu filho formar-se na Escola de Medicina da Universidade de São Paulo, desenvolveu no futebol uma carreira de imenso sucesso, por conta de seu talento esportivo. Devemos considerar, observando Elias (1994), que os anseios dos indivíduos vão se modificando a partir das suas experiências de vida, o que fatalmente modifica projetos estabelecidos no início da vida.

Elias: Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências [...] (p. 13).

4. Bolsa Atleta

A lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, obriga que crianças na idade de 04 a 17 anos de idade, estejam regularmente matriculadas e frequentando a escola (BRASIL, 2013). Sabemos da importância da escola, para além da obrigatoriedade da força da lei e da funcionalidade de formação de capital humano para o mundo do trabalho. A escola é um espaço de socialização das novas gerações para adentrarem a esfera da vida pública (ARENDDT, 2005). A escolarização, como se diz comumente, deve formar o cidadão autônomo para atuar no espaço público e buscar sua autorrealização.

Não menos importante do que a escola, certamente alternando com esta os momentos de protagonismo no desenvolvimento do indivíduo, está a família. Segundo Kreppner, a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. É no ambiente familiar que os primeiros pilares da formação de um indivíduo são construídos e fincados. No ambiente familiar, a criança aprende a resolver conflitos e a mediá-los, a expressar diferentes sentimentos e controlar emoções, lidar com diversidades e adversidades apresentadas no dia a dia (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE & BORNHOLDT, 1999). A educação dos indivíduos se constrói na constante negociação entre a escola, a família e a comunidade, seja ela tensa ou consensual.

A responsabilidade da educação das novas gerações está expressa no art. 205 quando afirma que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Na esteira da educação, nossa legislação também destaca o esporte como um o direito. A lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUV), em sua Seção II que trata sobre Diretrizes Gerais diz em seu Art. 3º que os agentes públicos ou privados

envolvidos com políticas públicas de juventude devem observar as seguintes diretrizes:

V - Garantir meios e equipamentos públicos que promovam o acesso à produção cultural, à prática esportiva, à mobilidade territorial e à fruição do tempo livre. Sendo mais específica na sua Seção VIII que trata do Direito ao Desporto e o Lazer diz:

Art. 28. O jovem tem direito à prática desportiva destinada a seu pleno desenvolvimento, com prioridade para o desporto de participação.

Parágrafo único. O direito à prática desportiva dos adolescentes deverá considerar sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Art. 29. A política pública de desporto e lazer destinada ao jovem deverá considerar:

I - a realização de diagnóstico e estudos estatísticos oficiais acerca da educação física e dos desportos e dos equipamentos de lazer no Brasil;

II - a adoção de lei de incentivo fiscal para o esporte, com critérios que priorizem a juventude e promovam a equidade;

III - a valorização do desporto e do paradesporto educacional;

IV - a oferta de equipamentos comunitários que permitam a prática desportiva, cultural e de lazer.

Art. 30. Todas as escolas deverão buscar pelo menos um local apropriado para a prática de atividades poliesportivas (BRASIL, 2013).

Não obstante a força da lei, outros tantos argumentos de igual peso e potência vem se somar ao aspecto legal, fundamentando a opção que muitos estudantes fazem por ter uma carreira esportiva caminhando ao lado da carreira da escola. Essa opção se torna uma carreira que deve ser conciliada com a escolarização obrigatória, para jovens em idade escolar. Esse fato tem sido problematizado pela literatura especializada como dupla carreira na medida em o jovem atleta deve conciliar o desempenho esportivo com a escola (BORGGREFE & CACHAY, 2012; RYBA, SELANNE, STAMBULOVA, RONKAINEN & BUNDGAARD, 2014).

O conceito de dupla carreira é explicado como a combinação de duas carreiras, sejam elas no esporte, trabalho ou escola. Responder de forma eficiente às exigências

escolares e do esporte de alto desempenho é uma tarefa desafiadora para os jovens que optam por trilhar esse tipo de caminho. As exigências crescentes de desempenho atlético em esportes de alto desempenho colocam sobre esses jovens atletas um tipo de dilema entre escolher a maximização do potencial atlético e ao mesmo tempo ter acesso a um tipo de educação acadêmica satisfatória para uma carreira pós-atlética (LAVALLEE & WYLLEMAN, 2000).

Um dado da realidade sobre esse tipo de dilema pode ser retratado pelos Jogos da Juventude (realizado entre os dias 8 e 15 de novembro de 2014), categoria 15 a 17 anos, que aconteceram na mesma data do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), exame, que entre outras funções, também dá acesso ao ensino superior. Essa concomitância de datas obrigou os jovens atletas a escolherem entre a competição e o ENEM. Os problemas de conciliação do sistema escolar com o esportivo não são exclusividade do Brasil, todavia, na Europa algumas propostas e ações foram implementadas com políticas e programas para equacionar as dificuldades que envolvem a dupla carreira. Os Estados Unidos, no cenário mundial, representam uma exceção na medida em que o sistema esportivo é gerenciado no interior do sistema escolar.

No Brasil, algumas tentativas de conciliação da dupla carreira têm sido realizadas através de programas que incentivam o desenvolvimento do esporte de alto nível e a permanência na escola. Nesse sentido, o Ministério do Esporte (ME) tem o programa Bolsa-Atleta, desde 2004, que inclui uma modalidade que visa o desempenho esportivo e a permanência escolar. Outras variações desse tipo de programa estão presentes em estados e municípios brasileiros.¹¹

¹¹ O Estado do Espírito Santo, através da Secretaria de Estado de Esportes e Lazer - SESPORT lançou em maio de 2015, um novo edital para o seu Programa Estadual para Apoio à Prática do Esporte. Tal programa visa incentivar os atletas e paratletas, nascidos e residentes no Estado do ES à prática de esportes, com a finalidade de oferecer suporte para o treinamento e participação em competições regionais, nacionais e internacionais. No município do Rio de Janeiro foi lançado em junho de 2011 o Programa Ginásio Experimental Olímpico (GEO) que “é uma escola em tempo integral vocacionada para o esporte, que integra formação acadêmica e esportiva”, em Corumbá-MS a prefeitura instituiu em junho de 2014 o programa “Bolsa Atleta Corumbá” “que destina-se a conceder, a título de incentivo, auxílio financeiro aos atletas e equipes do município, praticantes do desporto escolar ou de rendimento, que se destacarem em competições nos âmbitos estadual, nacional e internacional”. O estado da Bahia, através da SUDESB – Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia fomenta o “Bolsa Esporte” que tem como “objetivo de incentivar os atletas e paratletas residentes no Estado da Bahia à prática de esportes e com a finalidade de oferecer suporte para o treinamento e participação em competições regionais, nacionais e internacionais, através do Programa Estadual para Apoio à Prática do Esporte”. Com os mesmos objetivos, podemos citar ainda o “Bolsa Talento Esportivo” do Governo do Estado de

O programa Bolsa Atleta é uma política setorial que atende a um grupo especial na sociedade brasileira (Lei nº 10.891, de 09 de julho de 2004 e pelo Decreto Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005 – BRASIL, 2004) que tem por finalidade dar apoio aos atletas de diferentes modalidades, de alto rendimento que apresentam bons resultados nas competições nacionais. Esse programa pode ser encarado como um programa de manutenção/transferência de renda para atletas que ainda não possuem nenhum ganho pecuniário dos clubes ou de outras formas de financiamento da atividade esportiva. O objetivo do programa é apoiar talentos esportivos ainda não absorvidos pelo mercado do esporte espetáculo, o que demonstra que é intenção do programa criar meios para manutenção ou formação do atleta no esporte de alto rendimento. Os valores são diferenciados por categoria e desempenho do atleta. A bolsa se divide em cinco categorias: Atleta de Base, Atleta Estudantil, Atleta Nacional, Atleta Internacional e Atleta Olímpico e Paralímpicos. Poder-se-ia pensar tal programa como um apoio governamental de fixação do atleta até que consiga sua inserção e sobrevivência através do esporte. Destaque-se que quase todas as modalidades de bolsa não exigem que os beneficiados possuam matrícula escolar ou universitária, a única modalidade de bolsa que faz essa exigência é a modalidade Atleta Estudantil.

4.1 Resultados

A manutenção do benefício Bolsa-Atleta, modalidade estudantil, exige que o atleta obtenha resultados expressivos na modalidade esportiva, em níveis nacional ou internacional, e matrícula escolar e/ou universitária.

Descobrimos que os beneficiários do programa Bolsa-Atleta do governo federal podem receber bolsas de incentivo ao desempenho esportivo por outros entes federativos. Esse dado indica que o programa do governo federal não possui restrições de exclusividade no financiamento dos atletas. Apenas para destacar um

São Paulo e o “Programa Bolsa Atleta” da Prefeitura de Guarujá-SP entre outros projetos vinculados à educação esportiva e de lazer (ESPÍRITO SANTO, 2015; GUARUJÁ, 2014; CORUMBÁ, 2014; GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO, s/d; BAHIA, 2009; SÃO PAULO, 2013).

dos exemplos, entrevistamos uma aluna/atleta de Maringá/PR que tinha bolsa do governo municipal, do governo estadual e também do governo federal.

Ter bolsa permite que o aluno/atleta continue treinando, porque em algumas situações, esses jovens precisam gerar renda para sustento da atividade esportiva ou para complementar a renda familiar. Esse último tipo de necessidade pode fazer com que o mundo do trabalho venha a concorrer com a trajetória esportiva. Para além dos programas de governo destinados aos alunos/atletas, temos de forma assistemática, instituições de ensino privado que concedem bolsas aos alunos/atletas, que podem ser incorporados às equipes esportivas das referidas escolas. Esse tipo de benefício, em geral, isenta o atleta totalmente ou parcialmente das taxas escolares. Para atletas com baixos recursos financeiros esse tipo de benefício pode aumentar as oportunidades escolares, tendo em vista o ingresso em instituições de maior prestígio em suas regiões. No Brasil, as bolsas de estudo para estudantes atletas em instituições privadas ocorrem nas poucas escolas que participam de algum circuito de competições esportivas escolares. Temos no Brasil um precário sistema de esporte escolar que é desconectado do sistema de esporte clubístico (ROCHA, 2013; MELO, 2010; SOARES, ROCHA, COSTA, 2011). Em contraposição, no sistema norte-americano a formação do atleta se dá na escola e isto possibilita formas mais diretas e reconhecidas de conciliação entre a carreira esportiva e escolar. Esse modelo oportuniza que o atleta talentoso na educação básica amplie suas possibilidades de ter acesso à universidade e isenção de taxas acadêmicas. Todavia, a literatura indica que existem problemas de gestão mesmo nesse modelo de desenvolvimento do esporte de alto-rendimento no interior do sistema escolar e universitário. Como exemplo podemos destacar a diferença de orçamento entre a divisão I e a divisão II da NCAA. A divisão II, com orçamento menor, não pode fazer um forte investimento em tutores e orientadores acadêmicos para seus alunos/atletas estes, no entanto, apesar da falta deste apoio para compensar as perdas com treinos e competições esportivas, devem manter o mesmo desempenho acadêmico dos alunos/atletas que fazem parte da divisão I, para continuar fazendo jus aos benefícios que a carreira no esporte garante àqueles que além de atletas são também alunos (BOOTHE, 2015).

Nesse texto, trabalharemos com as falas dos alunos/atletas nas codificações Escola vs Esporte, Rotina de Treinos e Estudos, Família e Escola. Ao abordarmos a

codificação Escola usaremos também falas da codificação Carreira depois do Esporte por perceber que nestas falas podemos entender as expectativas dos alunos/atletas com relação às possibilidades que a escola lhes oferta.

4.1.1 Escola vs esporte

Na conciliação esporte vs escola, os alunos/atletas apresentaram argumentos que variavam entre a flexibilização das rotinas e as dificuldades para gerir a dupla carreira no esporte e na escola. Um dos entrevistados assume ter abandonado o esporte – mesmo ainda recebendo a bolsa atleta na modalidade estudantil na época – pela dificuldade de conciliar o esporte com a escola, outro diz conciliar parcialmente a dupla carreira, pois, teria interrompido o esporte no segundo semestre do 3º ano do ensino médio e retomou os treinos no ano seguinte tendo se tornado aluno/atleta de um curso superior. Os demais entrevistados (16) afirmaram que lograram sucesso na conciliação dos estudos com treinos e competições, apesar disso uma parte desses entrevistados não percebem problemas e outros destacam algumas dificuldades.

Um aluno/atleta de Judô, residente em Brasília, quando perguntado sobre como a escola lidava com as avaliações no caso das viagens para participar das competições, relatou o seguinte:

Aurélio Judoca: Então, ela remarcava [avaliações], o coordenador [da escola] ajudava bastante, o coordenador era bem compreensível com relação a isso, ele remarcava prova, às vezes até recuperação mesmo, não tinha problema... conversava com os professores e os professores entendiam também, ajudavam. Às vezes o próprio professor mesmo adiantava um pouco a prova, fazia uma prova diferenciada.

Dois alunos/atleta entrevistados dizem que, ao consultarem seus técnicos quanto à liberação dos treinos para cumprirem tarefas escolares, que seus técnicos os liberavam e ainda reforçam sobre a importância de frequentarem a escola. Para ilustrar a questão colocada, a fala de uma atleta de Judô, residente em Goiás, é exemplar:

Lílian Judoca: Não, não. Eles cedem, se eu falasse assim: Sensei¹², não vou treinar hoje porque tenho que fazer trabalho, tô atolada de trabalho, tem que entregar porque se não vou ficar para recuperação, eles dizem: não, vai, faz o dever, faz o trabalho. Qualquer coisa se tem que estudar, eles me liberam de tudo.

Dois entrevistados apontam que o grande obstáculo a ser vencido é o cansaço. Após uma dupla jornada com escola e treino, o estudo, que deveria acontecer na parte da noite, fica prejudicado. Um aluno/atleta de Natação, residente em Santa Catarina, ao ser perguntado sobre o que acarretava dificuldades para a conciliação entre esporte e escola, nos fez o seguinte relato:

Felipe Nadador: Às vezes pelo próprio cansaço que os treinos proporcionam acaba diminuindo a carga de estudo, porque a gente acaba ficando muito cansado e vai acumulando demais, e o estudo acaba decaindo um pouco.

A conciliação entre essas carreiras parece ser melhor equacionada quando a escola possui investimentos no esporte e participa de competições estudantis. Esses alunos/atletas ainda podem ser beneficiados com bolsas de estudo e receberem preparo acadêmico na escola que representam. Para ilustrar esta ponderação, trazemos a fala de um aluno/atleta de Atletismo, residente na cidade de Santo André, São Paulo:

Danilo Corredor: [...] a escola é praticamente feita só de atleta - no período de Jogos Escolares, que é num período de provas da escola e também nos Jogos Escolares de Santo André, eles fazem até outro calendário pros desportistas. Fazem outro calendário de provas prá quem pratica esportes; a coordenação consegue manejar bem essa, esses calendários de provas, de atividades, eles batalham bastante para conseguir que todos os atletas façam à prova, as atividades que foram pedidas pelo professor, e eles apoiam bastante, o professor ajuda também. Se tiver alguma coisa, alguma dúvida também, eles tiram a dúvida, eles param a aula e sentam na mesa deles para ajudar, para explicar uma matéria que você perdeu, são bem compreensivos mesmo.

O que está em jogo para esses alunos/atleta é conflito entre as demandas criadas pelas duas carreiras. Essa conciliação se dá de forma oficiosa, completamente baseada no esforço pessoal de cada aluno/atleta e/ou na compreensão daquele que representa a escola, pois, pode ser o diretor, o coordenador ou o professor. Em alguns casos, a conciliação fica definitivamente ou temporariamente muito difícil, obrigando

¹² Instrutor de arte marcial

o aluno/atleta a optar por uma ou outra carreira, caso não esteja mais em idade de frequentar a escola obrigatoriamente por força de lei. O beneficiário do Bolsa-Atleta na categoria estudantil não poderia, em tese, abandonar a escola. Todavia, como já dito, 16 dos atletas entrevistados indicam não apresentar dificuldades de conciliação entre o esporte e a escola. Se observarmos esses atletas diretamente veremos que foram entrevistados alunos/atletas nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do país. Por coincidência a quantidade de entrevistados é a mesma em cada uma das regiões, 33,3%. Entre os alunos/atletas entrevistados temos 5,5% no ensino fundamental II, 66% no ensino médio e 27,5% no ensino superior. Estes números indicam que os estudantes de ensino médio podem ter menos dificuldade para conciliar escola e esporte, face ao fato de não precisarem, ou precisarem em menor escala, gastar tempo na busca por suporte financeiro, podendo assim usar o tempo economizado na busca por suporte financeiro com atividades escolares e/ou do esporte. Outro dado importante é que 49,5% das mães e 38,5% dos pais dos alunos/atleta entrevistados tem formação universitária o que pode indicar a valorização da carreira escolar no cenário dessas famílias. Somente um aluno/atleta dos 18 que compõem a base de dados deste estudo repetiu um ano. Tal fato não aconteceu por conta de acúmulo das atividades do esporte com as da escola, mas sim por falta de seriedade do aluno/atleta no trato com as tarefas escolares. Assim afirmamos não existir defasagem entre idade e ano escolar dos demais 17 entrevistados. Para ilustrar esta situação trazemos a fala do entrevistado que teve uma reprovação.

Entrevistador: Você tá atualmente em que série?

Sebastião Nadador: Nono ano.

Entrevistador: Nono ano. É... já repetiu alguma vez?

Sebastião Nadador: Sim.

Entrevistador: Qual ano?

Sebastião Nadador: Oitavo.

Entrevistador: Por quê? Você sabe por que você repetiu?

Sebastião Nadador: Olha... eu tava brincando muito. Eu pensei que, foi justo por essa mudança de escola né, porque eu pensei que ia ser uma coisa e acabei fazendo outra.

Entrevistador: Como assim?

Sebastião Nadador: A escola era muito puxada, aí começou a ficar muito fácil na outra escola, aí eu falei não, eu vou fazer isso e eu pensei que eu tava fazendo certo, só que aí acabou que não...

As pesquisas realizadas pelo LABEC (CORREIA,2014; ROCHA, 2013) mostram que os atletas que ocupam modalidades esportivas com menor custo de materiais (como o atletismo e o turfe, por exemplo) são oriundos de famílias populares, com pais com

menor escolaridade e com atraso escolar mais significativo. Todavia, diante dos dados expostos, não podemos correlacionar a escolaridade dos pais e o tipo de modalidade esportiva defendida pelo atleta. Talvez, isso se deva à seleção amostral. Mas por isso, não podemos inferir qualquer fala sobre o tipo de modalidade esportiva e o investimento escolar das famílias e dos atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta na categoria estudantil.

O projeto de ser atleta pode entrar em conflito com a escola. Na fase escolar do Ensino Médio, momento de maior quantidade e profundidade dos conteúdos na escola e de aumento da intensidade nos treinos, o aluno/atleta pode decidir, temporariamente, parar com uma das carreiras para investir naquela que julga prioritária naquele momento. Os depoimentos a seguir ilustram esse tipo de conflito:

Betina Nadadora: Então... eu parei. Eu parei na metade do terceiro ano. Foi aquela época que aconteceu... eu treinava de madrugada, ia pra escola, aí inglês na hora do almoço, voltava pra escola, já almoçava por lá... É... aí tinha musculação a noite, então foi uma época que eu comecei a engordar muito, então tive que fazer aquelas aulas de redação, então eu não estava conseguindo cumprir tudo. Aí eu parei de uma vez [o esporte].

Outras motivações também podem levar o aluno/atleta a interromper temporariamente os estudos. Um expoente do ciclismo nacional declarou:

Sandra Ciclista: Eu penso que seria mais certo eu levar o esporte agora, estudar eu posso depois. Por isso que parei esse ano. Eu estava numa fase boa, então preferi evoluir essa fase do ciclismo, e mais tarde pensar em estudar.

Percebemos, baseado nestes dois últimos depoimentos, que o momento esportivo em que estes alunos/atletas se encontram, também indica uma possível escolha por parar com o esporte ou parar com o estudo. Embora as duas alunas/atletas representassem o Brasil em competições internacionais, a ciclista entendia que com os bons resultados que tinha, a carreira esportiva deveria ser priorizada, pois suas perspectivas de resultados esportivos eram bastante estimulantes e o espaço para crescer em sua modalidade esportiva era significativo. Assim parou de estudar ao completar o ensino médio, deixando o resto da sua carreira escolar para depois de terminada a carreira esportiva. Já a aluna/atleta de natação, apesar de também ser uma nadadora da seleção brasileira da sua categoria, preferiu apostar nos estudos,

uma vez que seus resultados no esporte não apontavam para grandes momentos esportivos no futuro. Assim esta nadadora opta por se dedicar aos estudos para entrar no curso superior, acreditando que assim consolidaria de forma mais consistente seu futuro. Uma vez aluna do ensino superior retoma suas atividades esportivas, porém em ritmo bem mais fraco, mesmo assim suficiente para garantir o benefício do Bolsa-Atleta estudantil por conta dos resultados de sua participação nos Jogos Universitários Brasileiros.

Outro dado importante é que, tanto a aluna/atleta que interrompe os treinamentos esportivos para se dedicar aos estudos, como o aluno/atleta que abandona definitivamente o esporte, são da modalidade natação. Ambos os alunos/atletas declaram ter que treinar em dois períodos. Tal fato pode indicar que essa necessidade de dedicar, diariamente, muito tempo ao esporte, torna a conciliação com os estudos ainda mais difícil.

Esta escolha também pode ser definitiva quando o jovem avalia não ser possível conciliar as duas carreiras. Claro que esse tipo de decisão envolve todo um processo de negociação do jovem com seus familiares e com as relações sociais que trava em sua trajetória. Um aluno/atleta de natação justificou assim a decisão de interromper em definitivo a carreira no esporte:

Felipe Nadador: É assim vendo, tendo em visão meu último ano de natação, eu percebi que tava difícil conciliar o estudo com a natação, fazia os dois pela metade, ou eu estudava... tive que faltar treino para estudar para as provas e tive que faltar na escola pra ir para as competições e pros treinos. Daí eu achei que estava realmente ficando muito complicado sendo que esse ano tenderia a piorar mais ainda.

Nas três falas anteriores podemos observar que dois nadadores resolveram abandonar o esporte para dedicarem-se à escola e a ciclista com alto desempenho no cenário nacional resolveu interromper os estudos temporariamente. As decisões desses atletas, para além do corte de classe que essas modalidades esportivas possuem, por certo pesaram as chances que possuíam naquele momento carreira esportiva e na escolar. A ciclista como já apresentamos, opta pelo esporte, a nadadora interrompe momentaneamente o esporte e volta em ritmo mais fraco as piscinas, já o nadador Felipe, ao olhar para o futuro vê as suas melhores possibilidades nos estudos, e assim opta em definitivo pela carreira de estudante. Observa que, pela sua

escolha de instituição de ensino e curso, pretendia estudar em uma universidade pública e cursar engenharia, obrigavam uma dedicação grande e que seu tempo não poderia estar dividido.

A decisão de permanecer no esporte e/ou na escola depende de um conjunto de fatores que são levados em consideração pelo próprio aluno/atleta. As tentativas de conciliação da dupla carreira geram demandas incomuns à rotina de jovens escolares. O cansaço físico e a rotina de competições somam-se às obrigações escolares. Com isso, os alunos/atletas acabam por negociar as tarefas do esporte e da escola a fim de melhor compatibilizar os horários e não deixar de lado as obrigações prioritárias.

4.1.2 Rotina de treinos e estudos

Dos 18 alunos/atleta entrevistados, onze responderam sobre sua rotina de treinos e estudos. Dois destes onze são alunos/atleta paralímpicos e tem uma carga de treino menor. Os dois treinam duas vezes por semana e um só treina nas semanas anteriores a competição. Este último é cadeirante, mora longe do local de treino e tem que se locomover de transporte público, fato que complica a rotina de treinos. Os três têm escola todos os dias no turno da manhã.

Teresa Tenista: Segunda de manhã eu estudo, à tarde eu pratico tênis, aí à noite eu já tô em casa. Terça... escola, a tarde eu faço curso e a noite eu tô em casa. Na quarta eu vou pra escola, à tarde eu fico livre, livre né estudando e a noite eu venho "pro" treino. Quinta-feira é o mesmo jeito, de manhã eu vou pra escola, à tarde vou "pro" curso e a noite eu fico livre. Sexta-feira de manhã eu vou pra escola, a tarde vou "pro" treino e a noite fico livre.

Sete dos onze entrevistados vão à escola pela manhã e treinam no período da tarde, com variações de horário de acordo com a modalidade e o calendário de competições. O 11º aluno/atleta está no curso superior e tem aulas de manhã e tarde, o treino acontece à noite duas vezes por semana.

Nei Judoca: É o seguinte. É... na escola eu particularmente estudo de manhã, assim, como eu acredito que a maioria dos atletas, né, aqui estuda de manhã e a tarde treina. Meu treino geralmente é duas horas até três e meia. Depois eu tenho parte física que é muito importante né, treino funcional geralmente de uma hora, dura uma hora e a noite tem dia que a gente tem treino técnico também, assim, treina mais a parte técnica mesmo, questão

tática, porque é muito importante você saber aliar tudo, né, tática, força, técnica. Final de semana a gente treina também às vezes.

O tempo de treinamento semanal variou de 10 a 25 horas, dependendo do aluno/atleta. Observamos que esse tempo de treinamento, distribuído por cinco dias na semana, pode variar de 2 horas a 5 horas diárias de dedicação ao esporte. Assim temos uma média semanal de 14,3 horas por aluno/atleta, ou 2,9 horas por dia de treinamento, não considerando os finais de semana. Se tomarmos um tempo diário de 5 horas gastos na escola, somando ao tempo de treino e a 8 horas de sono, faz-se um total de 15,9 horas de tarefas obrigatórias, restando por dia, 8,1 horas para estudos, deslocamentos e tarefas extraordinárias.

4.1.3 Família

O tema família se torna importante para a compreensão de como os alunos/atletas conciliam as rotinas de treinamento, competições e escolar. A família acaba fazendo parte das negociações que se apresentam necessárias para a compatibilização dos horários do aluno/atleta. Em dez famílias encontramos cobrança de notas, mas somente em três famílias tivemos cobrança de nota e acompanhamento dos estudos. Duas famílias acompanham os estudos, mas não cobram notas do aluno/atleta. Três famílias não acompanham estudos ou esportes. Três famílias acompanham, além do desempenho escolar, também o desempenho esportivo, estando duas delas organizadas da seguinte forma: o pai acompanha o esporte e a mãe a escola.

Jorge Corredor: Meu pai e minha mãe sempre cobraram isso, dever... Sempre me passaram para estudar, pois nunca tiveram a oportunidade de estudar quando eram pequenos. Minha mãe parou na quarta série, meu pai fez só o ensino médio, mas depois de grande já me tinha como filho, aí que foi terminar o ensino médio. Mas sempre me incentivaram, "estuda, que é melhor para você", até me apoiaram muito quando entrei na faculdade, "você tem que estudar, tem que se formar...".

A participação da família se torna importante para o aluno/atleta precisa seguir as duas carreiras e dar conta das respectivas obrigações. Em um dos casos, o

aluno/atleta informou como foi o processo que o levou a trocar de escola e como sua mãe foi determinante para efetuar a transição de uma instituição de ensino para outra.

Entrevistador: Quais foram os motivos da troca [de escola]?

César Nadador: Ah foi mais educacional mesmo, minha mãe ela nunca foi muito ligada ao esporte então ela priorizou o estudo, então ela teve esse caminho assim bem rígida nesse ponto de estudo e tipo, sempre cobrou bastante. Sempre foi decisão dela de eu estar em uma escola melhor, se ela julgava que a escola não foi boa, eu ia pra uma outra escola que ela julgava melhor. Foi isso. A decisão de mudar de escola foi dela, foi questão educacional mesmo.

Observamos que as famílias valorizam de forma razoável os estudos e o papel da escola, mas de uma maneira geral a ação dos pais só vai até a cobrança das notas. Das dez famílias que cobraram boas notas, só três entendem que também devem acompanhar os estudos dos alunos/atletas. Fica patente que a participação da família é de suma importância para o bom desempenho do estudante na escola. A dupla carreira exige ainda mais a participação da família, uma vez que a quantidade de exigências relativas às demandas do esporte e da escola aumentam.

4.1.4 Escola

O tema escola aparece na fala dos atletas como se a instituição escolar fosse um caminho mais seguro a se seguir na trajetória de vida dos mesmos. Os alunos/atletas apontaram nas entrevistas que almejam atingir o ensino superior. Destaca-se que dos 18 entrevistados, cinco já estavam cursando faculdade. Os atletas indicam, com bom senso, que o ensino superior possibilitará mais oportunidades de inserção no mercado de trabalho após as respectivas carreiras esportivas.

A relação com a escola ganha contornos mais detalhados quando os atletas comentam sobre a estrutura da instituição de ensino. Sabemos que a percepção de cada atleta pode variar quanto à organização e infraestrutura da escola. Os critérios de avaliação são diferentes. Mas, na fala individual, podemos filtrar o que pode ou não ser favorável para a conciliação da dupla carreira de atleta e estudante. Na fala dos atletas, o que eles acabaram considerando como relevantes para classificar a

qualidade da escola tangenciavam a estrutura da escola, o corpo docente, as oportunidades para conciliar a dupla carreira e as relações sociais que travavam no espaço escolar. A maioria dos entrevistados estudava em escolar particular, mas também houve relato de atletas que cursavam no ensino público. Para os atletas, independentemente de serem públicas ou particulares, as escolas foram classificadas como boas em sua maioria. Isso pode mostrar duas coisas: a) que o ideal normativo, que coloca a escola em primeiro plano, torna obrigatória a classificação dessa instituição como relevante para a vida dos estudantes, mesmo eles tendo que se dividir em duas carreiras; e b) as oportunidades que esses atletas têm em suas respectivas instituições de ensino permitem-nos percorrer os caminhos que traçaram para os seus projetos de vida a ponto de não atrapalhá-los de forma significativa, assim, perceber-se-ia que a escola é uma instituição favorável e considerada boa.

A forma como esses atletas comentavam sobre as disciplinas e alguns professores também pode indicar a razão pela qual eles consideram a escola como um caminho de realização profissional, tanto quanto o esporte. Como o estudo foi direcionado aos alunos/atletas, as aulas de educação física¹³ surgiram quase que espontaneamente nas falas dos entrevistados. Os alunos atletas distinguem os professores de educação física que só entregam a bola e outro tipo de professor que a cada aula tem uma proposta e cobra participação efetiva de seus alunos. A distinção entre o tipo de professor e a relação dele com o projeto de carreira dos atletas pode indicar uma forma como os atletas criam apreço pela instituição de ensino. Este professor que se dedica e prepara a aula de Educação Física, desafiando os alunos e tendo uma proposta clara para o desenvolvimento dos estudantes, em tese, seria mais valorizado pelos atletas. Supõe-se que, ele, além de desenvolver a Educação Física Escolar, ele estimula e orienta seus alunos com potencial esportivo a se tornarem alunos/atletas. Esse tipo de professor é lembrado quando o assunto remonta ao grau de importância dos professores na vida acadêmica e esportiva do entrevistado.

Nelson Corredor: ... foi o que eu fiquei da primeira até a oitava série me marcou bastante, uma que os professores não são aqueles professores que jogam a bola e fazem o que quiser. Eles faziam, foi por onde eu comecei a competir, representei a escola, ganhei os 800 metros na pista. Os professores

¹³ Em somente uma escola encontramos o relato que a Educação Física Escolar era substituída pelo treinamento esportivo.

me marcaram, é uma escola que o professor marcou bastante, de educação física.

Outra maneira que pode significar a valorização do investimento em uma dupla carreira é o caso da visibilidade que os atletas atingem quando seus resultados são mostrados para a comunidade escolar. Por exemplo, um relato significativo de um aluno cadeirante que passa a ser mais popular na escola a partir da divulgação dos seus resultados como atleta. Tal fato teria ampliado suas relações sociais.

Henrique Tenista: O apoio dos alunos assim, eles gostavam, né? Quando eu falava que eu jogava basquete, ia prá seleção, viajava, eles: "pô que massa, heim?" Aí gostavam, contava história prá eles, aí falavam: "pô!" Aí de vez em quando eles iam a noite assistir meu treino.

A popularidade alcançada via desempenho esportivo certamente reestrutura as expectativas de qualquer jovem. Se antes esse jovem poderia ser considerado invisível para os demais membros da comunidade escolar, após a divulgação dos seus resultados esportivos, ele passou a ter uma valorização dos seus feitos e um reconhecimento imediato por parte de seus colegas e da própria escola. Esse retorno imediato implica na satisfação do jovem e mexe com a dimensão do prazer e do desejo por realizar mais feitos no campo esportivo que possam colocá-lo em evidência.

A forma como os alunos/atleta conciliam as carreiras no esporte e na escola foram tratadas nas entrevistas pelos atletas a partir das formas de negociação junto às duas instituições. Existem dois relatos de negociação de sucesso entre professor e aluno para reposição de conteúdo e avaliação, e mais um relato de incentivo a prática esportiva. Quase todas as trocas de escola, foram por conta da mudança de segmento ou de cidade. Somente duas dessas trocas aconteceram ao recebimento de bolsa de estudos, nesses casos os alunos/atleta migraram para escola particular.

Os resultados das interações travadas com os alunos atletas apontaram para um quadro em que quatro dos entrevistados pretendem seguir na área do esporte e o caminho que eles apontam para esta segunda carreira é a formação em Educação Física. Todos aqueles que fizeram esta escolha gostariam de ser técnicos esportivos na mesma modalidade em que já atuam. Um quinto aluno/atleta também pretende cursar Educação Física, porém não demonstrou interesse em trabalhar com esportes

e competição. Uma gostaria de cursar Administração e fazer concurso para tentar uma carreira no serviço público, percebendo nesta carreira a oportunidade de ajudar a família. Temos ainda depoimentos de interesse em Engenharia Ambiental, Psicologia e Engenharia Mecânica, sendo este último influenciado pela construção de uma grande montadora de automóveis em cidade perto da sua. Um ainda não sabe que carreira tentará. Dos 18 entrevistados, 27,5% já cursava o ensino superior e 50% buscava este mesmo objetivo escolar. Assim podemos observar a importância dada à escola pelos alunos/atleta entrevistados. Destaco aqui a fala de um nadador do estado de São Paulo sobre a finitude da vida de atleta.

Gabriel Nadador: Eu acho que tem que estudar porque a vida de atleta não dura para sempre, eu sei disso, porque muitos atletas aí com 28/30 anos já param de nadar e tem que fazer outra coisa da vida, tem que ter o estudo pelo menos, e eu penso isso.

O único caso de repetência escolar apontado numa das entrevistas e foi justificado como resultado da própria desatenção, brincadeira e falta de empenho na escola. Nunca por impossibilidade de conciliar escola e esporte.

Observamos que os aluno/atletas beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta são acometidos pelas nuances da rotina em dupla carreira no esporte e na escola. O cansaço físico, as flexibilizações, as escolhas e as renúncias às atividades comuns de um jovem em idade escolar se fazem presentes no cotidiano do aluno/atleta. Ainda que haja um investimento intenso no esporte, a escola também aparece como possibilidade de mudança de *status* social para alguns dos entrevistados. A universidade começa a fazer parte do campo de possibilidades de alguns dos alunos/atletas e o incentivo financeiro dado a esses jovens pode influenciar sua investida no ensino superior, na medida em que eles não precisariam se dedicar a uma terceira carreira para financiar os custos da vida de aluno/atleta. No mesmo sentido, há ainda programas de universidades que oferecem bolsa auxílio para os alunos que se destacam nos esportes de rendimento. Assim, a rotina de aluno/atleta se constrói em caminhos sinuosos e dependentes de negociações e flexibilizações de tarefas obrigatórias.

4.2 Discussão

A relação entre a escolarização e a formação profissional de atletas é um tema abordado amplamente na literatura internacional, mas que ainda carece de pauta de pesquisas no âmbito nacional. As pesquisas realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vêm mostrando que os jovens atletas que se dedicam a uma dupla carreira, no esporte e na escola, não adotam estratégias similares quando atuantes nas diferentes modalidades esportivas. Melo (2010) identificou que os jovens atletas das categorias de base do futebol no Rio de Janeiro tinham o mesmo tempo de escolaridade que jovens da mesma faixa etária e que não jogavam futebol. Aliás, as progressões dos jovens alunos/atletas do futebol pelas séries escolares eram mais regulares que a dos alunos quando foram observados dados da população do Rio de Janeiro. Em tese, a hipótese inicial de que a rotina de treinamento no futebol poderia atrapalhar a vida escolar dos jovens atletas do futebol seria refutada. Todavia, Melo (2010) apontou também que essa regularidade na progressão escolar dos atletas era garantida por mecanismos que flexibilizavam as normas regulares da escola. Esse favorecimento aos atletas permitia que eles compatibilizassem melhor os horários de treinamento e estudos, abonando faltas, permitindo atrasos às aulas, remarcando provas, etc.

Na pesquisa produzida junto aos alunos/atletas beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta, a negociação entre jovem, escola e esporte acontecia de formas diferentes. Os mecanismos de flexibilização das normas regulares da escola apareciam discretamente. Em alguns casos, o clube, na figura do treinador, incentivava o comparecimento do atleta à escola e o cumprimento das tarefas escolares. Embora ainda haja também uma rigidez nas normas do esporte, no caso dos beneficiados do Programa Bolsa-Atleta, esses alunos/atletas têm mais oportunidades de conciliação das rotinas do esporte e da escola em comparação com os jovens atletas das categorias de base do futebol no Estado do Rio de Janeiro. Percebemos, assim, que no nível micro, que é aquele que depende da boa vontade dos indivíduos diretamente envolvidos nas decisões, e que possibilitam ou não a conciliação, seja na escola ou no esporte, as ações necessárias para a conciliação serão contempladas. Já no nível macro, ou seja, o das instituições que administram o mundo esportivo e que determinam calendários, distribuição de dinheiro, responsabilidades dos clubes e

outras ações que determinam os caminhos a serem seguidos por todos os envolvidos, existe a necessidade de uma regulação legal.

Observa-se que a conciliação acontece a partir das iniciativas isoladas de clubes, atletas e escolas. Esta forma de conciliar, depende exclusivamente do bom senso dos envolvidos, tanto dos agentes da escola quanto dos do esporte. O Bolsa Atleta no Brasil, na modalidade estudantil, é uma tentativa modesta de permanência no esporte que exige como contrapartida a matrícula escolar. Todavia, a permanência na escola não é acompanhada e nem administrada por esse tipo de programas. Na Europa existem políticas voltadas para o aluno/atleta, algumas bem direcionadas para a conciliação da dupla carreira, e outras híbridas ou frouxas. Além da sensibilidade dos envolvidos por parte da escola e do clube para resolver as demandas com base no bom senso, a falta de estruturas formais obriga a participação intensa da família para que essas duas carreiras sejam desenvolvidas de forma eficiente e efetiva. Kay (2000) mostra o envolvimento de famílias inglesas, que assim como as famílias brasileiras aqui citadas, se envolvem no desenvolver da dupla carreira escolhida pelo (a) seu (sua) filho(a), assumindo também o deslocamento do aluno/atleta para que este possa frequentar a escola e chegar a tempo nos treinamentos, o custeio de diversas despesas e, por vezes, comprometendo finais de semana e feriados de toda família, incluindo aí filhos que só estudam.

Os conflitos apresentados pelas duas carreiras e a impossibilidade de continuar conciliando todas as demandas sem o amparo de uma instituição oficial levaram a um impasse que faz os alunos/atletas a optarem por uma das carreiras como pudemos observar com um aluno/atleta nesse estudo. Siekańska (2014) aponta que essa combinação de estudos com esporte, acontece porque esse aluno/atleta busca, através dos estudos, assegurar um futuro profissional ao término da carreira esportiva. Esta carreira esportiva, que a cada novo estágio é mais intensa, e requer mais tempo do aluno/atleta para desenvolver suas habilidades, pode ser interrompida prematuramente quando os conflitos com os estudos se tornam irreconciliáveis.

A estrutura forjada para que o atleta perceba o esporte como uma oportunidade de profissionalização e a escola como outra via possível, depende das interações que esses indivíduos estabelecem ao longo da conciliação dessas carreiras. Observemos

que as modalidades investigadas não possuem o mesmo *status*, que o futebol no Brasil, por exemplo. A estrutura de oportunidades percebida pelo atleta fica restrita ao apoio oferecido pelo governo federal, através do Programa Bolsa-Atleta, ou por iniciativas estaduais e/ou de natureza privada. O amparo da modalidade esportiva é limitado. As exigências para se manter como beneficiado do Programa federal são altas e o retorno financeiro, no caso da modalidade Bolsa Atleta estudantil, é baixo. O esporte disputa a atenção com o ideal normativo da escola, que tende a apontar de que a única via segura para ocupação de um cargo valorizado no mercado de trabalho é o investimento nas vias escolares. Embora saibamos que a escola não dá conta de escolarizar, cumprir os incisos legais a ela atribuídos e premiar a todos os ingressantes nos sistemas nacionais de educação, Neri (2009) comentou que a probabilidade do indivíduo com pós-graduação estar ocupando um posto de trabalho é 433% maior que um analfabeto; além disso, o salário dos pós-graduados chega a ser 544% maior que o salário daqueles que não sabem ler e escrever. Isso mostra que investir nas vias educacionais aumenta consideravelmente as chances de estar empregado e com um bom salário futuramente. Porém, esconde que são poucos os afortunados que alcançam esses patamares, haja vista que cerca de 20% dos jovens, entre 15 e 17 anos, abandonam a escola, e a maior parte justifica a evasão motivada pelo desinteresse no modelo dessa instituição (NERI, 2009).

Algumas iniciativas isoladas de escolas que investem na formação de equipes para participação em competições escolares, facilitam a conciliação entre esporte e escola. Neste ambiente o número de alunos/atletas é grande quando comparada a uma escola que não investe em participação em competições escolares, e a participação em competições esportivas é comum. Comum também é atender as demandas para que este aluno/atleta possa ser contemplado em suas necessidades de conciliação. Conforme o depoimento do aluno/atleta Gabriel, em sua escola existe uma estrutura para reposição de conteúdo, de avaliação e total compreensão e apoio do corpo docente. Mesmo assim as questões de conciliação têm que ser resolvidas uma a uma, cada caso tem uma resposta sob medida para aquele momento, da mesma forma que acontece na Europa, como nos aponta o documento “EU Guidelines on Dual Careers of Athletes” (2012), porque cada particularidade existente em uma modalidade, como por exemplo, a duração da competição que difere de uma modalidade para a outra, trará uma situação específica a ser atendida.

Devemos considerar que, ainda a título de exemplo, em uma mesma sala de aula teremos alunos de modalidades diferentes, com calendários de competição diferentes e assim com necessidades diferentes de reposição de conteúdo e avaliação. Ainda se reportando ao mesmo documento, uma abordagem como a existente na Suécia seria de grande valia. Lá, 51 escolas de ensino médio distribuídas por todo o país e patrocinadas pela Confederação Sueca de Esportes, são organizadas para atender as demandas criadas pela necessidade destes alunos/atletas de conciliarem duas carreiras.

Sabemos que no Brasil, os sistemas escola e esporte não interagem oficialmente. Assim, como na maioria dos sistemas escolares do mundo, toda tarefa não escolar, estando à pessoa regularmente matriculada em instituição formal e oficial de ensino, deverá acontecer por conta e risco do estudante. No caso daqueles estudantes no Brasil, que decidem ter, além da carreira escolar, uma carreira esportiva, não é diferente. Recentemente pudemos observar claramente um fato concreto que exemplifica esta falta de diálogo escola/esporte. A principal competição para os jovens alunos/atleta que aspiram uma bolsa do Ministério do Esporte – Bolsa Atleta Estudantil, são os Jogos Escolares da Juventude - categoria 15 a 17 anos, competição organizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro. Para fazer jus à referida bolsa, o aluno/atleta deverá estar classificado até o terceiro lugar nesta competição. Neste ano de 2014 a competição aconteceu em João Pessoa-PB entre os dias 05 e 16 de novembro. Outro evento importante para os jovens que aspiram uma vaga nos cursos superiores no Brasil é o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, exame este que aconteceu neste ano de 2014 nos dias 08 e 09 de novembro. Como as datas coincidiram e não houve acordo possível entre o Ministério da Educação, organizador do ENEM e o COB, organizador dos Jogos Escolares da Juventude, os alunos/atleta, tiveram que optar entre o exame e a competição.

Este impasse aponta para a necessidade urgente de formulação de uma política intersetorial. Precisamos ter uma agencia do governo que faça uma ligação, a princípio, entre o Ministério da Educação e o Ministério do Esporte. Dizemos a princípio porque o que neste primeiro momento é esporte vs escola, será mais à frente esporte vs trabalho. Assim, órgãos do governo responsáveis pelas ações no que diz respeito ao trabalho deverão ser incluídos nesta política de conciliação de dupla carreira, para que estes que são responsáveis por decisões a nível macro e

assim afetam a todos, não criem situações em que os jovens tenham que escolher entre esporte e trabalho.

A escolarização de jovens no Brasil obedece a uma lógica perigosa, segundo Schwartzman (2011), uma vez que os sistemas educacionais brasileiros entendem que as oportunidades serão iguais se tratarem a diversidade da juventude da mesma maneira. Com isso, Schwartzman (2011) condena o viés acadêmico presente na educação brasileira, que confabula para que todos os ingressantes nos sistemas educacionais caminhem para a mesma direção: o ensino superior acadêmico. Não seria, portanto, irracional pensar que os atletas que se dedicam a dupla carreira, conciliando com os estudos, invistam tanto tempo no esporte quanto na escola. E, muitas vezes, secundarizam uma das duas obrigações. Por exemplo, a escolha também pode ser priorizar a carreira esportiva. A aluna/atleta Sandra, que por não estar mais em idade de obrigatoriedade escolar, poderia optar por seguir só no esporte, escolhe esta carreira face ao seu excelente desempenho esportivo e financeiro naquele momento, com o argumento de que quando a idade avançasse e os resultados esportivos e financeiros não mais fossem atraentes, ela poderia então se dedicar aos estudos e a busca de uma nova carreira.

Num primeiro momento, estudando outros países e suas demandas nesta mesma área, tendemos a acreditar que o sistema utilizado nos Estados Unidos da América seria o modelo a ser seguido, uma vez que o esporte e a educação acontecem num sistema único. Por ser uma situação muito distante da nossa que está organizada em dois sistemas distintos, o exemplo americano obrigaria mudanças estruturais inviáveis. Assim na busca por soluções para estas situações às vezes de impasse, percebemos que os ajustes sempre deverão ser feitos sobre medida para cada situação, conforme aponta o EU Guidelines on Dual Careers of Athletes Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport, documento organizado por um grupo de experts em educação e treinamento esportivo a convite dos países membros da comunidade europeia. Mesmo nos Estados Unidos da América, esses acertos específicos, tais como remarcação de avaliações, dispensa dos alunos/atletas para viagens e competições, reposição de conteúdos escolares perdidos por conta do calendário esportivo e outros eventos provocados pela vida esportiva, deverão acontecer para cada momento desses. Embora o esporte aconteça no âmbito escolar, o calendário esportivo muda de

acordo com a modalidade praticada, e assim cada aluno/atleta deverá negociar com a escola, cada evento especificamente, atendendo o que demanda do seu calendário esportivo.

O documento acima citado é inspirador, pois além de nos fazer perceber que esta questão não é só nossa, também aponta sugestões importantes feitas em nível governamental, para a construção de política de governo voltada para a dupla carreira. O documento elaborado pela Comunidade Europeia que recomenda políticas para orientar ações relativas a dupla carreira para atletas de alta performance, deixa claro que nesta proposta de criação de uma política governamental para a dupla carreira, além do esporte e da educação, também deverão ser contempladas a saúde, o emprego, o bem-estar e qualidade de vida e as finanças.

No dia 17 de abril deste ano o Ministério do Esporte publicou no Diário Oficial da União a portaria Nº 105, de 16 de abril de 2015 que institui um Grupo de Trabalho que deverá elaborar Projeto de Lei de Diretrizes e Bases do Sistema Nacional de Esportes. Várias reuniões foram feitas e o ministro de Esporte, Sr. George Hilton, apresentou na quarta-feira, dia 09 de setembro de 2015, durante sua fala no 5º Fórum Nacional do Esporte em São Paulo, um projeto de lei com o produto do trabalho do grupo em questão que seria apresentado ao Congresso Nacional para apreciação. No momento da escritura dessa dissertação, não sabemos como se desenvolveu essa tentativa.

Finalizamos este capítulo, destacando a urgente necessidade da elaboração de uma política de governo que atenda a demanda de dupla carreira. Acreditamos que a iniciativa para esta empreitada deve ser do esporte. No caso do Brasil, o aluno/atleta terá que estar na escola, por força de lei, até os 17 anos. Caso o aluno/atleta tenha que, na idade citada, fazer uma escolha, será forçosamente pela escola. Tal escolha seria prejudicial principalmente naquelas modalidades esportivas, como nas ginásticas artística e rítmica desportiva, em que a especialização para o alto nível esportivo acontece muito cedo, e a conciliação seria, portanto mais difícil.

5. Conclusão

Nossa questão central foi entender como atletas lidam com as rotinas de treinamento e estudos durante a sua formação inicial para o esporte e na escola. Para tal passamos a analisar o processo de conciliação da dupla carreira, no esporte e na escola, a partir da análise das biografias de atletas de sucesso e das demandas geradas pelas rotinas de treinamento e estudos de atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta. De forma específica discutimos: 1- como foi a conciliação entre a formação no esporte e na escola de um atleta de sucesso a partir da análise da sua biografia autorizada; 2 – analisamos como os atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta conciliam a rotina de treinamento e estudos.

Nos campos esportivos, artísticos ou mesmo no mercado de trabalho ordinário esse tipo de problema de conciliação de carreiras passa pelo debate da política e dos programas educacionais de forma quase invisível em nosso país. No caso do esporte, os estudos aqui apresentados indicam que a escola, em geral, se adapta aos projetos individuais dos atletas estudantes, seja afrouxando ou flexibilizando as normas escolares, remarcando avaliações e abonando as faltas. Quando a escola não flexibiliza suas normas, o atleta estudante é convidado a trocar de escola ou paga o preço com a reprovação por não existir um sistema de apoio para realização das tarefas escolares ou mesmo programas escolares que administrem esse tipo de demanda.

As evidências presentes neste trabalho mostram também que a necessidade de se conciliar esporte e escola sempre acontecerão; mostram que cada decisão será tomada com base em uma situação específica de modalidade esportiva, calendário desta modalidade, calendário da escola, estrutura que a escola oferece e outras, ou seja, todas as demandas são atendidas sobre medida; mostram que a nível micro, o nível dos atores envolvidos, essas demandas serão atendidas, mas que a nível macro, a nível institucional, nem sempre existirá acordo.

Nos Estados Unidos da América, este tipo de questão é quase que totalmente absorvido pelo sistema, que coloca num mesmo espaço escola e esporte. Para lidar com este mesmo tipo de questão, a comunidade europeia, que assim como nós do Brasil, tem o esporte e a escola em sistemas diferentes, reuniu em setembro de 2012,

um grupo de experts em educação e treinamento esportivo. Ao final de uma reunião em Bruxelas, este grupo produz um documento com precedentes sugestões para os gerentes esportivos dos países filiados possam ser mais eficientes ao responder as demandas criadas pela necessidade que atletas de alto nível têm ao atuar em duas frentes simultaneamente. Uma das frentes é a dos esportes e suas demandas, como treinos, viagens e competições. A outra frente será à princípio a escola e suas tarefas, como aulas, avaliações e trabalhos, mais à frente esta frente será trocada pelo trabalho, uma vez que a vida profissional do atleta de uma forma geral é curta. E terminando com este atleta ainda jovem, produtivo e interessado a migrar profissionalmente para outra área.

Outro dado relevante é a participação da família na construção do projeto esportivo e escolar dos alunos/atleta. As biografias nos mostram que a construção de uma carreira esportiva de sucesso não é definida só pelo aluno/atleta. Fica claro em todas elas, mesmo quando traídas pelo tempo, como foi o caso de Sócrates, que sem a família articulando o resultado do processo seria certamente outro. Observando Rial (2006) destacamos que o sucesso de uma carreira esportiva de sucesso obriga uma estrutura e um processo pensados desde cedo. Essas famílias devem estar preparadas para dar um suporte financeiro que varia em montante de acordo com a modalidade, enquanto esse atleta não se torna profissional com capacidade suficiente para sustentar a si e a estrutura que precisa. Quando a opção entre uma das duas carreiras se fizer necessária, caberá a família a decisão sobre que carreira escolher. Não esquecendo que quando essa opção não foi feita e o aluno/atleta não escolheu a que carreira se dedicar o resultado foi mediano em ambas.

As biografias também nos mostram que, os atletas aqui estudados, tem seu núcleo familiar básico composto por pai, mãe e irmãos, e é neste ambiente que as carreiras, tanto esportiva quanto escolar são pensadas. Este núcleo pode ser ampliado com a participação de outros parentes. No caso de Andre Agassi temos um tio que o ajudava a estudar: Rafael Nadal foi iniciado no tênis pelo seu tio, Toni Nadal, que também jogou tênis profissionalmente, e até os dias de hoje é seu técnico.

Os atletas de tênis estudados não são os primeiros atletas de suas famílias. O pai de Andre Agassi é atleta olímpico, tendo representado seu país na modalidade boxe. Toni Nadal, tio de Rafael Nadal foi tenista profissional e Miguel Angel Nadal, também tio de

Rafael Nadal, jogou futebol pelo Barcelona e pela seleção espanhola. A avó do Guga foi jogadora de vôlei, a mãe de tênis, o pai de basquete e o irmão de tênis. Pensando a partir do observado por Bourdieu e Passeron (1970) que defendem a possibilidade de heranças simbólicas além das materiais, podemos acreditar que toda essa relação com esporte que antecede os biografados tem relevante importância na definição destas carreiras esportivas de sucesso.

De acordo com pesquisas internacionais, 1/3 de todos os participantes com idades entre 10 e 17 anos deixam a vida esportiva todos os anos por considerarem que os esportes lhes tomam muito tempo, e que este poderia ser mais bem aproveitado em outras atividades como o estudo por exemplo. O interesse maior dos membros da comunidade europeia é manter em atividade no esporte os talentos encontrados e desenvolvidos, mostrando aos mesmos que é possível a conciliação entre estas duas frentes ou dupla carreira, esporte e escola ou trabalho. Entendemos ser este documento de vital importância para nós brasileiros, por entender que aponta também para nós, alguns caminhos para ajudar aos nossos atletas que estejam nessas mesmas condições. Para que sejam desenvolvidos ou melhorados os programas já existentes, preferencialmente do governo, que deem sustentação as necessidades que estes atletas apresentam quando da negociação em qualquer um dos lados da dupla carreira.

O sucesso nos acordos de dupla carreira depende da boa vontade das partes envolvidas, e assim percebemos a necessidade de um instrumento sistematizado, para que esses acordos deixem de acontecer a partir da boa vontade dos participantes, e sim de forma legal em todos os seus aspectos.

Os principais desafios apontados são: salvaguardar o desenvolvimento dos jovens atletas, principalmente aqueles praticantes de modalidades esportivas que a especialização para o alto nível acontece precocemente; o equilíbrio entre demandas dos esporte e demandas da educação ou mais tarde trabalho; a fase final da carreira esportiva, considerando também aqueles atletas que deixam a carreira esportiva antes do planejado.

Podemos afirmar que timidamente esse tema passa a fazer algum barulho na construção da agenda do esporte brasileiro. Muito desse barulho se dá pelas ações

do Ministério Público do Trabalho (MPT)¹⁴ ao auditar os clubes de futebol que recrutam jovens em idade escolar, de diferentes estados brasileiros, e os mantém em condições precárias e, muitas das vezes, fora da escola. Essas ações do MPT demonstram que, no caso desse rentável mercado esportivo, os jovens que voluntariamente se submetem a essas condições são explorados e possuem seus direitos à escolarização e permanência junto às suas famílias sequestradas. Todavia, toda essa discussão passa ao largo do debate no campo da educação que legitimamente debate uma série de especificidades de atendimento no sistema escolar, mas não trata as demandas dos estudantes que necessitam precocemente construir uma carreira paralela ao sistema escolar. As iniciativas de conciliação da carreira esportiva com a escolar no caso brasileiro são modestas ou desarticuladas, temos os programas federais e estaduais que fornecem auxílio financeiro aos atletas estudantes (modelo Bolsa Atleta) que apenas exigem desses a matrícula escolar ou universitária. Tais programas não fornecem nenhum tipo de apoio ou convênio com os sistemas escolares para que os estudantes atletas tenham também bom desempenho acadêmico. Outro caso de conciliação da escola com o esporte são os Ginásios Experimentais Olímpicos, estes foram construídos, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, como legado olímpico a ser deixado pelos Jogos Olímpicos de 2016. Esses ginásios experimentais, juntamente com outros dedicados à música, as artes e as tecnologias (Ginásio Experimental do Samba (GES), Ginásio Experimental de Artes Visuais (GEA) e o Ginásio Experimental de Novas Tecnologias (GENTE), são escolas de tempo integral que atendem os alunos do ensino fundamental a partir do 6º ano escolar. Sem entrar no debate da eficácia desse tipo de escola temática, podemos afirmar que no caso do Ginásio Experimental Olímpico o processo de formação esportiva está totalmente desarticulado do sistema esportivo e das competições das categorias de base do esporte no Rio de Janeiro (SOARES; MELO; ROCHA, 2015). Além disso, esses estudantes atletas, ao terminarem o ensino fundamental, não possuem nenhum tipo de possibilidade de continuar no ensino médio esse tipo de formação ou pior ainda, caso sejam, recrutados pelo sistema esportivo durante a

¹⁴ Em Belo Horizonte no ano de 2008, o MPT encontrou 20 adolescentes de 11 a 17 anos, de vários estados brasileiros alojados em condições precárias. Dormindo em colchonetes e se alimentando apenas uma vez por dia. Eles tinham a promessa de fazerem testes em clubes de São Paulo e Minas Gerais.

escolarização no ensino fundamental, são obrigados em geral a abandonar à escola de tempo integral.

Assim, concluindo este trabalho, entendemos ser importante apontar sugestões para avançarmos no atendimento as necessidades dos alunos/atletas envolvidos em situação de dupla carreira. Estas sugestões foram baseadas no documento construído na Europa em 2012.

Nos últimos anos, agentes governamentais tanto da área esportiva quanto da área educacional tentam atender a demanda criada pelo processo de dupla carreira. Segundo o entendimento da União Europeia, tais ações melhorarão tanto o desempenho esportivo quanto escolar e mais tarde profissional dos atletas envolvidos. O desenho de um programa de dupla carreira deverá ir ao encontro das necessidades destes atletas, para que a formação geral dos mesmos traga benefícios para toda a sociedade.

Como benefício aos atletas participantes de um programa de dupla carreira, podemos apontar: estilo de vida equilibrado, redução do estresse e crescente bem-estar; melhores condições para desenvolver habilidades de vida aplicáveis no esporte e na educação e mais tarde no trabalho ou outras esferas da vida cotidiana; uma positiva socialização; preparo do atleta para a aposentadoria esportiva e vida após o esporte; aumento das perspectivas de empregabilidade após a carreira esportiva.

Ações de caráter transetorial e interministerial deverão ser observadas a nível nacional para que um programa de dupla carreira atenda com sucesso esporte, educação ou trabalho e saúde. Deverão também estar envolvidas nestas ações não governamentais que atuem nas áreas em questão. É importante destacar a inexistência de um modelo a ser aplicado e nem uma área que deve ser destacada como principal.

De acordo com Amara, Aquilina, Henry e PMP consultants (2004), diferentes estudos identificam quatro possibilidades de intervenção do estado para melhorar o processo de dupla carreira: o estado centralizador respaldado pela legislação; o estado facilitador, fomentando acordos entre esportes e educação ou trabalho; federações nacionais/instituições esportivas atuando na mediação com a escola ou trabalho; e um “laissez faire” sem uma estrutura formal.

Políticas esportivas de dupla carreira devem objetivar que atletas possam combinar carreira no esporte, na educação ou trabalho. Os governos dos países membros da União Europeia tem um importante papel na implementação dessas políticas, uma vez que quase sempre são os financiadores dos programas. Além disso, a participação de outros setores, tais como: educação, emprego, saúde e bem-estar, finanças, esporte e especialmente técnico/treinadores/assistentes e familiares são peças fundamentais para a implementação de programas de dupla carreira. Devem se somar a estes, profissionais de suporte de áreas diversas, como por exemplo: fisioterapeutas, psicólogos, pedagogos e outros que durante o desenrolar destas duplas carreiras possam contribuir para a fluidez das mesmas.

Na parte educacional da dupla carreira, que é considerada o maior desafio por um grande número de atletas, mentores, tutores, e quando necessário, explicadores, são apontados como ferramentas importantes para o bom desenvolvimento da vida educacional dos atletas envolvidos e a manutenção dos programas escolares. Não obstante existam ações individuais de sucesso por parte dos atletas e seus pais, mais medidas específicas e estruturais são necessárias. O estado deve assumir este desafio dando suporte a instituições educacionais, programas e métodos que visem ajudar a equilibrar a vida esportiva e educacional ou profissional de jovens esportistas. O ensino a distância merece uma posição de destaque no aspecto educação, uma vez que possibilita ao atleta desenvolvê-lo a qualquer hora e de qualquer lugar. Para este caso precisaríamos de uma mudança da lei de diretrizes e bases da educação brasileira.

Quando pensa esporte e trabalho, o estado deve providenciar uma estrutura para dar suporte ao atleta no planejamento da sua carreira para depois do esporte, incluindo nas suas ações, programas que possibilitem acordos entre empresas e o staff do atleta buscando equilibrar na agenda do atleta as atividades do esporte e do trabalho. Um bom exemplo é a The Sports Air Foundation da Alemanha que oferece uma compensação financeira as empresas que aceitam atletas em seus quadros, uma vez que este obrigatoriamente tem uma carga horária de trabalho menor, e conseqüentemente uma produção menor na empresa. Para atrair financiadores de fora da área esportiva, as organizações do esporte devem procurar ajuda na câmara do comércio, nas associações de negócios e também nas empresas que já trabalham

com atletas. Os contratos de trabalho devem obrigatoriamente incluir uma ou mais cláusulas alusivas à dupla carreira.

A transição para outra carreira após a aposentadoria esportiva deve ser planejada no contexto da dupla carreira, que inicialmente acontece entre esporte e escola, muda para esporte e trabalho, para então na sequência se fixar 100% no trabalho. Desta assistência ao atleta na transição entre esporte e trabalho devem constar: um planejamento para aposentadoria precoce, como por lesão, por exemplo; aposentadoria voluntária; experiências positivas em outros espaços como escola e/ou trabalho; e um efetivo apoio da família, treinadores, pares, associação de atletas e organizações esportivas. É patente a importância de programas de dupla carreira para encaminhar os atletas para o trabalho ainda durante sua carreira esportiva, facilitando sua adaptação a um futuro momento fora do esporte, evitando assim uma possível crise de transição. Sugere-se que associações de atletas e empregadores, implementem em conjunto, programas vocacionais para que os atletas enfrentem este momento de forma mais objetiva e clara.

Vários relatórios confirmam que atletas de alto nível e suas famílias enfrentaram dificuldades financeiras principalmente nas faixas etárias mais baixas. Existe uma ampla gama de possibilidades para estes atletas conseguirem um suporte financeiro oficial na comunidade europeia. Esses atletas podem pleitear bolsas de estudo, uma renda mínima ou renda com base nos resultados esportivos, redução de custos ou ainda ter um patrocinador. Na idade escolar a forma mais comum de ajuda financeira é a bolsa de estudo. Embora o grande público acredite que todos os atletas profissionais ou de alto nível sejam muito bem pagos, a realidade mostra que este fato não acontece, assim é de suma importância que estes programas de dupla carreira contemplem também seguro social, programas de saúde e planos de pensão. Para exemplificar podemos destacar a iniciativa do governo francês que em 2011 criou um fundo para apoiar os atletas amadores de alto nível. Este fundo paga o seguro social e contribui para a pensão destes atletas durante toda sua carreira esportiva.

Referências bibliográficas

AGASSI, A. **Agassi: autobiografia**. São Paulo: Globo, 2010.

AMARA, M. et al. **Education of young sportspersons** (lot 1): European Commission (2004).

American School System Disponível em:

<http://c2.com/cgi/wiki?AmericanSchoolSystem> acessado em 26/09/2015

ARENDDT, H. **A crise na educação**. In: Entre o passado e o futuro. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Atletas do ES trocam prova do Enem por competição de esportes. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2014/11/atletas-do-es-trocam-prova-do-enem-por-competicao-de-esportes.html>> Acesso em 30/11/2014

BECKER, H. **A história de vida e o mosaico científico**. IN: Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOLSA ATLETA. Disponível em:

<http://www.caixa.gov.br/Voce/Social/Beneficios/bolsa_atleta/saiba_mais.asp> acesso em 06/10/2014.

BOLSA ATLETA CAPIXABA. Disponível em:

http://www.sesport.es.gov.br/download/EDITAL_BOLSA_ATLETA.pdf> acesso em 10/01/2016

Bolsa Esporte. Disponível em:

<<http://www.sudesb.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=29>> acesso em 01/10/2015.

Bolsa Talento Esportivo. Disponível em:

< Http://www.selj.sp.gov.br/?page_id=271 > acesso em 01/10/2015.

BOOTHE, J. **Online classes and NCAA Division II students-athletes: A Mixed Method study for the creation of a course selection framework**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Graduate School of Creighton University, Omaha, Nebraska, 2015. Disponível em:

<https://dspace.creighton.edu/xmlui/bitstream/handle/10504/72986/DIP-JBoothe.pdf?sequence=1> acesso em 13/11/2015

Borggreffe, C. & Cachay, K. (2012). "Dual careers": The structural coupling of elite sport and school exemplified by the German Verbundsysteme. **EJSS. European Journal for Sport and Society**, 9, 57.

BOURDIEU, P. - A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: < <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>>. Acesso em: 06/10/2015

_____. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 06/10/2015.

_____. **Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 06/10/2015.

_____. **Lei n. 10.891, de 9 de abril de 2004.** Institui a Bolsa-Atleta. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm. Acesso em: 06/10/2015.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 4/8/2015.

CASTRO, C. M. **Desenvolvimento Econômico, Educação e Educabilidade.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/FENAME (1976).

CORREIA, C. A. J. **Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projeto e Campo de Possibilidades em Jovens Atletas do Colégio Vasco da Gama.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/dcarlusaugustus.pdf> Acesso em: 17/3/2016

COSTA, F. R. da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA, L; DUTRA, J. Avaliação da Carreira no Mundo Contemporâneo: Proposta de um Modelo de Três Dimensões. **Revista de Carreiras e Pessoas.** São Paulo, V. 01, n.01 Mai/Jun/Jul/Ago 2011.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi** v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19.html Acesso em: 17/3/2016

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

_____. **The civilizing process: sociogenetic and psychogenetic investigations**. Massachusetts: Blackwell, 2000.

_____. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.

Escolha de Sofia: Atletas de RO são obrigados a “optar” por jogos ou ENEM. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ro/noticia/2014/11/escolha-de-sofia-atletas-de-ro-sao-obrigados-optar-por-jogos-ou-enem.html>> Acesso em 30/11/2014

ESPAÑA. **La Constitución española de 1978**. Disponível em: <<http://www.congreso.es/consti/constitucion/indice/index.htm>> Acesso em 17/01/2016

EU Guidelines on Dual Careers of Athletes Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport.

Disponível em: <<http://bookshop.europa.eu/en/eu-guidelines-on-dual-careers-of-athletes-pbNC0213243/>>

GIACOMINI, S. M. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006.

Henry, I. (2010). **Elite Athletes and Higher Education: Lifestyle, Balance and the Management of Sporting and Educational Performance**. Bruxelles: International Olympic Committee, University Relation Olympic Studies Centre.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Jogos Escolares da Juventude – Etapa 15 a 17 anos – Calendário de Competições. Disponível em: <<http://jogos Escolares.cob.org.br/etapa-15-17-anos/calendario-competicoes-joao-pessoa>> Acesso em: 30/11/2014

Jogos Escolares x ENEM, a difícil opção do estudante-atleta. Disponível em: <<http://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2014/11/jogos-escolares-x-enem-a-dificil-opcao-do-estudante-atleta/>> Acesso em 30/11/2014

KAY, Tess. Sporting excellence: a family affair? **European Physical Education Review**, v. 6, n. 2, p. 151-169, 2000.

KREPPNER, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2000. 16(1), 11-22.

KUERTEN, G. **Guga, um brasileiro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. **Career Transitions in Sport: International Perspectives**. Morgantown, West Virginia: Fitness Information Technology, 2000.

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

MARQUES, M.P.; SAMULSKI, D.M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio familiar e planejamento da carreira. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEC esclarece informações sobre o Enem 2014. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/11/mec-esclarece-informacoes-sobre-enem-2014>> Acesso em: 30/11/2014

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

NADAL, R; CARLIN, R. **Rafa Minha história**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

National Federation of State High School Associations. **NFHS HANDBOOK 2015-16**

NERI, M. C. O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. IN: VELOSO, F. et al (Orgs.). **Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p. 25-50.

Nossa Língua Portuguesa. Disponível em:

<http://www.nossalinguaportuguesa.com.br/dicionario/sensei/> acessado em 26/09/2015

O Ginásio Experimental Olímpico. Disponível em:

<<http://ginasioexperimentalolimpico.net/sobre.html>> acesso em 06/10/2014

Programa Bolsa Atleta viabiliza a formação de equipe de ponta no Handebol masculino e feminino do Guarujá. Disponível em:

<<http://portal.guaruja.sp.gov.br/2014/03/programa-bolsa-atleta-viabiliza-a-formacao-de-equipe-de-ponta-no-handebol-masculino-e-feminino-do-guaruja/>> acesso em 06/10/2014

Programa de valorização do atleta corumbaense regulamentado pela Prefeitura. Disponível em:

<<http://www.corumba.ms.gov.br/noticias/portaria-da-funec-regulamenta-o-programa-bolsa-atleta-corumba/16431/>> acesso em 06/10/2014

RIAL, C. Jogadores brasileiros na Espanha: imigrantes, porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, VLXI, n. 2, p. 163-190, 2006.

RN levará quase 200 atletas para os Jogos Escolares da Juventude, realizados na Paraíba. Disponível em: <<http://globov.globo.com/inter-tv-rn/rn-tv-1a-edicao/v/rn->

[levara-quase-200-atletas-para-os-jogos-escolares-da-juventude-realizados-na-paraiba/3711333/>](#) Acesso em 30/11/2014

ROCHA, H. P. A da. **A Escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/disserhugopaula.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

ROMÃO, M. G; COSTA, F. R.; SOARES, A. J. G. Escolarização de equipes do voleibol no Rio de Janeiro. In: **XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, 2011, Vitória**. XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física - Educação Física nas políticas públicas: trabalho e gestão integrada, 2011.

RYBA, T. et al. **Dual career pathways of transnational athletes. Psychology of Sport and Exercise** (2014). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.06.002> Acesso em 06/10/2015

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHWARTZMAN, S. O viés acadêmico na educação brasileira. Pensamiento Educativo, **Revista de Investigación Educativa Latinoamericana (PEL)**, Santiago de Chile, v. 48, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/agenda9.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

SIEKAŃSKA, M.; BLECHARZ, J. Dual Career Pathways: Psychological and Environmental Determinants of Professional Athletes' Development. **Studies in Sport Humanities**. Nr. 16. Kraków 2014

Slater, K.; Borte, J. **A biografia de Kelly Slater: pipe dreams**. São Paulo. Gaia, 2004.

SOARES, A. J. G.; HELAL, R.; SANTORO, M. A. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** VI (1):61-78, janeiro/junho 2004.

Disponível em: <file:///C:/Users/Public/Documents/Disserta%C3%A7%C3%A3o/6578-19889-1-SM.pdf> Acesso em: 17/3/2016

SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A.; COSTA, F. R. A escola dos jóqueis: a aposta de carreira do aluno atleta. IN: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba, PR, 2011**. Disponível em:

http://www.sistemasmart.com.br/sbs2011/arquivos/30_6_2011_15_53_43.pdf. Acesso em: 04 ago. 2011.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S.; ROCHA, H. P. A. O Ginásio Experimental Olímpico: um programa de escolarização de potenciais atletas na onda das olimpíadas. In: Ana Maria Cavaliere e Antonio Jorge Gonçalves Soares. (Org.). **Educação pública no Rio de Janeiro: novas questões à vista**. 1ed. RIO DE JANEIRO: Mauad, p. 155-176, 2015.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, T. **Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro**. – 1.ed – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

WAGNER, Adriana et al. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 147-156, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 /10/2015